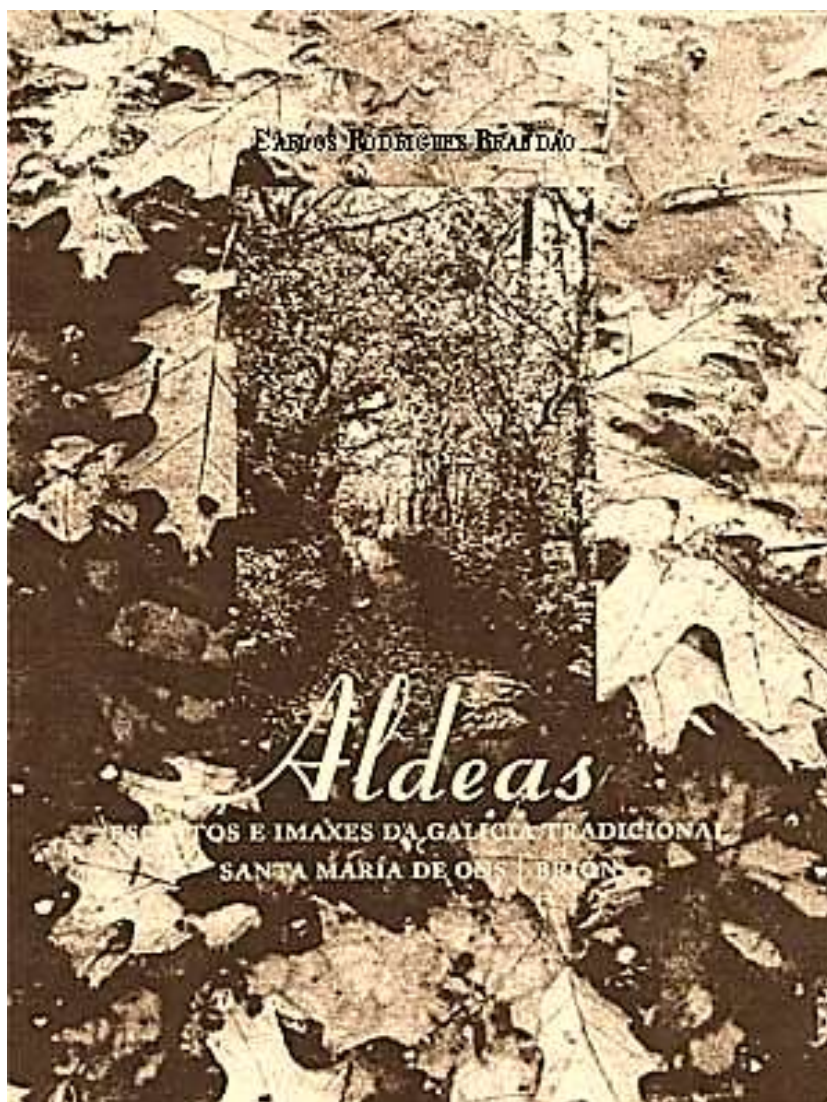


O CAMINHO DA ESTRELA
Escritos sobre a Galícia



Carlos Rodríguez Brandão

*Também a pedra
Se há estrelas, voa.*

Gonzalo Balester

*Aos da Galícia, de
Santiago e de Brión,
de Santa Maria de
Oms. Aos de lá. Isto é:
daqui.*

Sobre esses poemas e lendas

Estive algumas vezes na Galícia. Morei na Galícia duas vezes. Uma em 1992 e outra em 1996. Vivi em Santiago de Compostela. Percorri a pé caminhos, estradas e trilhas que somadas juntas devem somar mais do que o Caminho Francês de Santiago. E durante uma semana, entre Ponferrada, no Bierzo e Compostela, caminhei o que pude de meu próprio Caminho da Estrela. Vivi em Santiago o bastante para haver trilhado pelo menos quase todas as ruas calçadas de pedras e de memórias mais antigas, algumas delas, repetidas muitas vezes. Mas foi nas aldeias e em caminhos entre aldeias que vivi a experiência de minha Galícia profunda. Nas aldeias de Brión, situadas no Caminho que vai de Santiago ao Cabo Finisterrae e, de maneira especial, nas aldeias da Paróquia de Santa Maria de Oms, eu convivi as longas horas dos muitos dias quem deseja encontrar e ouvir , entre o vinho, o silêncio, os ruídos da natureza e a palavra, as pessoas, as pedras, os tempos, os gestos, as cenas que vão de um vôo de gaivota a uma festa a um santo padroeiro, e mais as memórias de uma gente de já cabelos prateados sob boinas negras e chapéu galegos de palha. E elas acabaram sendo a substância de quase tudo o que escrevi aqui. Quero lembrar agora os seus nomes de aldeias: *Oms de Abaixo, Fonteparedes, A Igreja, Pazos, Salaño Pequeño e Salaño Grande.*

Eis porque os poemas em prosa, ora curta, ora longa, e as lendas que criei dos mitos que ouvi contarem, falam tanto em deus quanto nos homens. Falam de seres que mesmo quando de agora, parecem vir de um outro tempo. Palavras, ouvidas algumas, lembradas em mim, outras, que desejam vir de outras eras para os tempos de agora vir de eras passadas.

Alguns de pessoas e de seus livros ou palavras recordam leituras sem as quais eu não teria escrito o poema que elas e eles finalizam.

Carlos Rodrigues Brandão
Campinas, outono de 2007

roteiro

1. O Caminho

Intróito
Deus
Caminho
Santiago
Peregrinos
Peregrino
Apóstolo
Setas
Profecia
Mortos

2. A Aldeia

Tempos
Outros
Mínia
Torre
Pássaros
Oms
Cruzeiro
Festas
Jazigo
Presença
Gaitas
Ventos
Trigo

Vinhos
Marinheiros
Linho
Albanil
Ons
Madeiras
Muro
Terras
Tambre
Benigno
Corredoir
Amélia
Lareira
Pinheiro
Sol
Bordado
Outono
Sar
Carvalheira
Trasgos
Velho
Meigas
Ofícios
Gadonha
Chaviello
Oliveiras
Marinheiros
Rosalia

1. **O Caminho**

Intróito

Ouve, escuta. No entanto é preciso escrever. Gravar na pedra, inscrever no barro, entalhar em madeiras, na pele do tempo, na alma das gentes. Desenhar na tela como os do Oriente. Dizer por escrito, para que fique. Escrever letras, palavras, frases que vivam algo mais do que nós no papel. Assim, para que um dia muito além alguém venha e leia. E, lendo, saiba. E sabendo, lembre. É preciso grafar, libertar as palavras de seu voo e trazê-las de volta ao ninho. É preciso escrever, porque de repente as coisas do mundo fluem e passam mais depressa do que as pessoas. Elas viajam sem volta de um lugar ao outro. Aparecem e somem sem deixar um rastro. Surgem e por um tempo permanecem. Mas depressa abrem asas e na distância elas se apagam. E as aos poucos, mas sem caminho de volta, almas de quem elas eram vão ficando esquecidas de existir.

Deus

Ele nos veio. Havíamos, os do círculo de nós, nos preparado por eras e eras para aquele momento. Primeiro um dos nossos encontrou os sinais no tronco enrugado de uma castanheira no monte. Pareciam formar palavras em alguma língua estranha, esquecida. Mas de tudo, um dos nossos traduziu isto: *virei*. Depois, atirando com a mão esquerda uma pedra no lago atrás da aldeia e lendo a equação dos números na ondulação das ondas concêntricas, um outro de nossa gente estabeleceu o lugar e a data: a noite de ontem: Solstício de Inverno. Fomos até lá procurando precisar o local exato no sentir a variação dos rumos do vento em nossos corpos. Chegamos ao lugar e era um círculo de sete árvores em uma clareira no bosque. Do que vivemos então podemos dizer estas coisas: para além das medidas humanas para tempo e espaço, Deus chega quando vem. Ele nos chega por meio de anúncios quase incompreensíveis, como o suave murmurar das folhas da Faia ao vento de Oeste. De nada adianta aos homens estabelecerem datas com sortilégios que somente servem para o anúncio da chegada das chuvas e dos filhos. Ele nos vem e nos toma. E é tudo, e é só. E o que nos toca fazer é responder sim ou não ao que, no entanto, já aconteceu. Sem que ninguém de nós dissesse nada aos outros ao redor do círculo, aprendemos a saber que se com um mínimo gesto dos sentimentos

dissermos a palavra *não*, Deus, atento, se irá como veio e não nos legará castigo algum. A perda de sua presença já é o bastante. Se do fundo do coração dissermos um *sim*, ele plantará em nós uma pequenina semente. Somente então estas antigas palavras: *pelos seus frutos os conhecerei*, serão decifradas. Pois todo o bem é uma planta semeada no ser de alguém e que algum dia cresceu. E todo o mal é apenas a sua falta. Como aquela Figueira Dissemos *sim* e ninguém de nós pronunciou palavra alguma. Diante do mistério que havia em nada acontecer ali, nós nos calamos e se algo dissemos, somente Ele ouviu. Pois quando nos pareceu chegado o momento unimos a prece escrita em nossos corações e o mais velho de nós murmurou sem ninguém ouvir nada esta outra prece: *vem*. Houve apenas um estremecimento nas folhas dos galhos de algumas árvores perto de nosso círculo. Um pássaro da noite piou e os que ousaram abrir os olhos disseram que por um momento a noite tornou-se somente um pouco mais iluminada. Como acontece tantas vezes em Maio, a Lua por um breve instante saiu de trás da toalha das nuvens. E foi só. Mas se escrevo isto é porque desde aquela noite começamos a crer sem temores que alguma coisa estranha e feliz cresce entre e dentro de nós. Não temos ainda palavras para dizer o que sentimos, mas é tão forte que ontem um dos nossos disse: *será preciso criar palavras novas*. Assim sendo, antes que aconteça o

que acreditamos que virá, alguns dos nossos trocaram arados por bastões e, sem cintos e nem alforjes, resolveram partir sem rumo algum para contar essas coisas aos outros. Três de nós ficamos para dizer aos nossos as palavras que esperamos que nos venham em sonhos. Também alguns outros não sabem ainda o que dizer, mas também eles calçaram as suas sandálias e, lendo rumos dos lugares do Mundo entre as estrelas, partiram.

Simone Weil ***a la espera de dios*** 84

Caminho

Houve um tempo quando este Caminho da Estrela passava perto daqui e ia até ao lugar a que os antigos chamavam *Fisterra*. Ali era o fim-do-mundo e, depois dele, o grande mar-oceano sem fim existia até águas de um lugar qualquer. Foi antes. Eram tempos em que os homens mediam o vagar dos anos com o passar das estrelas e, as mulheres, com areias. Era quando se podia crer em Deus e imaginar um Céu acima daqui muitos degraus de escadas infindas. Pois as terras por onde passavam gados de cor havana e também os homens tinham uma vida quase igual e conviviam com os bichos, a plantas e as pessoas por entre outros verdes de outros tempos. Ao longo do caminho por onde a manhã acendia o desejo de partir e a noite, o de chegar, o anunciado Reino de Deus era suave e existia em nossas almas de camponeses rudes e entre essas planuras e montes de cavalos selvagens. A palavra *peregrino* não existia ainda, e os anjos sem medo roubavam maçãs nos pomares dos homens. Isso foi muito antes da era em que, longe daqui, alguns homens e mulheres ardiam em fogueiras por causa de três palavras, e os magos lavavam do rosto pinturas de cor ocre e escondiam das filhas os segredos da vida. Foi quando a cada lugar demarcado ao longo do Caminho da Estrela correspondia o exato brilho de uma única luz do Céu a uma precisa hora da noite entre Março e

Maio. Alguns velhos costumavam então acreditar que se entre os Pirineus e o Cebreiro alguém na noite estivesse ali, no lugar exato sob o brilho a prumo de uma estrela, teria a vida eterna aqui mesmo nesta terra, entre essas pedras. Alguns foram e não voltaram nunca. Eram aquelas as eras, e de muito longe chegavam levadas de pessoas e aos seres da terra e do oceano alguns pastores ergueram altares de uma pedra escura que se procurardes bem, podereis encontrar ainda em ruínas. Então, depois foi quando surgiram outras palavras e, juram os de antes, algumas outras estrelas de um misterioso rumo. Para algumas delas até hoje faltam nomes. O Caminho da Estrela passava por vilas e terminava além do *Fisterra*. E além do mar não se sabia até onde ou quando, porque dizem que quem até lá foi, não voltou nunca mais. Depois vieram de mais longe outros homens, magos de outras terras, vestidos de negro, com bastões e cruzes. Em uma língua estranha aos nossos de então eles disseram que o Caminho da Estrela deveria, de então em diante deveria findar longe do mar, em um bosque. Em um lugar entre espinhos, onde escondida os escombros de um templo haveria um lugar onde uma noite a cada sete anos brilha uma misteriosa luz nem da lua e nem de estrelas. Ali estaria sepultado o corpo de um homem vindo de uma outra terra e por um outro mar. Ali seria. Nisso desejarem crer alguns dos nossos avós antes do falar galego. E assim foram. Saíram daqui e viajaram para Leste e foram

contar aos que vinham sobre aquelas novas. Desde então e depois das palavras em galego, também os nossos pais e nós queremos crer, peregrinos de estrelas a caminho do corpo de um homem de outras paragens enterrado perto daqui. E assim pensamos que haverá de ser por muitos séculos. Até quando alguém venha de mais longe e, em outra língua, conte aos que estejam aqui quando os netos de nossos netos tiverem partido, uma outra história. Foi sempre assim, cremos, mas agora queremos crer em nossa lenda.

Santiago

Quando ele me chamou atendi. Larguei o que tinha e fui. Alguns deixaram barcas e redes. Eu, a minha própria memória de antes. E mais depressa do que Pedro, que foi ainda guardar as redes e despedir a família, fui. Quando ele me disse: *vem comigo*, primeiro cerrei os olhos. Se os abrisse e não visse o rosto daquele homem teria sido um sonho, uma imagem de tardes de grande sede, e eu estaria livre. Fechei os dois olhos e deixei de ver por um momento a sua túnica meio gasta, meio suja como os panos de quem caminha sem termo e o tempo dos cuidados que as mulheres e as águas dão às roupagens dos homens. Deixei de ver os peixes na areia e a areia da beira do lago. Os montes ao longe e então não sei o que vi detrás das pálpebras. Quando abri os olhos ele estava lá, e repetiu: *vem*. Fui. Foi apenas isto e caminhamos juntos por estradas que nem ele e nem eu conhecíamos. E comemos do mesmo pão, dos mesmos peixes. Durante meses caminhei com ele e ouvia, entre os outros, as suas estranhas palavras. Ele contava estórias para revelar segredos. Gostava de suas lendas ora inocentes, ora terríveis, entre ovelhas, sementes e luzes de candeeiros debaixo da cama. Em algumas aldeias nos davam uma comida melhor do que um pão sem sal. E nos davam vinho. Ele tomava e nos deixava beber. Uma ou outra vez ficava mais alegre e esquecia mensagens e nos falava de quando era menino em Nazaré. Lembrava do amor como uma estranha palavra e dizia profecias sobre um reino aos pobres. Nunca o vi,

esse reino prometido. Existe? Quando ele morreu pensei voltar à casa. Mas então eu era outro e não sabia mais a que voltar. A quem. E não sei porque, acabei seguindo os outros e aprendi com eles a falar em seu nome em duas ou três outras línguas. Queria contar as suas estórias, mas trocava as ovelhas pelas cabras e nunca sabia como terminar. Quando perguntavam por alguma razão de tudo aquilo eu sorria, e ríamos juntos. Aqueles a quem eu deveria comover riam comigo e riam de mim. Gaguejava as palavras e não sabia ao certo o que dizer. Mas dizia. Disse e acabei querendo crer no que os que me ouviam acreditavam antes de mim. Viajei entre aldeias. Em troca de uns punhados de pão e um trago de vinho repetia de novo as mesmas estórias, a cada dia um pouco melhor. Pensei ser apenas um desses pequenos poetas errantes de outros povos, e por isso penso haver aumentado as parábolas dele e criado outros personagens e entremeios de dramas. Foi quando um dia, perto de quando tudo aconteceu, que vieram sobre nós umas folhas de fogo. Continuei a falar, com menos dúvidas. Pregava aos brados, com os braços erguidos e, com menos improvisos, procurei ser fiel. A que? A quem? Nesses ofícios de semeador do oitavo dia havia entre os nossos outros melhores do que eu. Dois jovens me seguiram.

Soube por ouvir dizer que Pedro e os outros chamavam o que pregávamos de: o Caminho. Comecei a chamar assim também. Depois, os que cruzaram com Pedro e alguns outros vieram me contar os prodígios que eles faziam. Tal como Ele, curavam doentes e davam a vista aos cegos. Não

quis crer, pois nunca fiz por minha conta e em nome dele prodígio algum.

Lembrava as estórias que ouvi e guardei e contava aos outros: *saiu um semeador a semear*. Os adultos, quase todos, abanavam a cabeça. Mas as crianças pediam: *conta outra!* Quando disseram que iriam me matar, respondi apenas: *um dia viria, que seja hoje. Em algum lugar longe, em outros tempos, outros homens caminharão noites e dias em busca de meus sinais. Estarei morto, mas haverá enfim um caminho.*

Peregrinos

E depois vieram esses: esses reis coroados, mas a pé. Vinham vestidos de escuro e bastões e uma concha de Vieira nas costas. E o traje marrom, como em monges. E vieram essas mulheres, princesas e aias. Mulheres de sede e mulheres de pés descalços. Algumas eram virgens como o primeiro dia de um mês, e de outras se soube que tinham raros nomes, a nós tão difíceis e pronunciados com veneração em seus reinos ao Norte. Pois vieram elas e a pequena corte dos seus seguidores. As mais fortes caminhavam longos trechos de trilhas nos montes no sol de Julho. Liam quando paravam sob a sombra de alguma Castanheira algum livro de capas claras e as mais velhas sussurravam às servas: *algum dia... então*. Outras, frágeis, vinham pelo caminho em cavalos mansos ou mesmo entre os lençóis brancos de alguma liteira. Vinha do Leste e devo dizer que traziam no corpo alguns sinais de penitentes. Vi duas delas, em dois outonos, sentadas como as moças da aldeia sobre uma pedra dura, comendo com as pontas dos dedos a comida amarga dos pobres e sem sal e vinho. Falavam línguas desconhecidas e me ponho a pensar sobre como Deus as entende.

Mas foi por isto mesmo que alguns dos nossos imaginaram serem elas santas ou senhoras de estranhos poderes. Pois quem fala o que não se entende somente pode dizer palavras que os anjos ou os demônios ouvem. *Deixaram tanto e vieram*, disse à volta do fogo uma velha um dia. Morreu numa outra tarde com um rosário entre os dedos e

murmurando com os tropeços de uma fala moribunda o nome de uma mulher de longas tranças que ao passar lhe atirou uma moeda de bronze onde de um lado havia um lobo e, do outro, um corvo. E vieram também os pobres do milênio e esses eram tantos que para cantá-los precisaríamos de uma outra aritmética. E esses eram em Setembro como as areias das trilhas, inúmeros, incontáveis. Quanto de pães de trigo escuro e de centeio para lhes matar a fome? Com as roupas em andrajos e os pés feridos, vinham sujos, mas cantavam e alguns murmuravam largas preces aos ventos. Chegados do Caminho e felizes, eles vinham desde Puente la Reina e até mais longe, a Leste a ao Norte, porque a cada manhã não anteviam promessas de salvação eterna, mas apenas entre a névoa e os montes, as torres da Catedral em Compostela. Depois, sonhavam a sopa quente e o chegar em suas terras e dizer aos outros: *eu também fui!*

Setas

Durante os dias de peregrinar, no longo ir dos dias ponta de muitos dedos os dias do Caminho da Estrela, entre alguma cidade de nome estrangeiro e o promontório onde a Terra acaba, são pequeninas, são frágeis e, aqui e ali, quase apagadas, quase escondidas, essas setas de cor amarela: na parede dos muros, na madeira das portas abandonadas, na casca de um tronco liso de árvore de nome ignorado, ao lado do rosto um dia grego de um chafariz de aldeia, no braço amoroso de uma ponte dos romanos, na face repintada de outros sinais, na surpresa de uma placa de estrada, essas pequenas setas amarela. Lá estão elas. E ao peregrino dizem no indicar um único rumo, o caminho por onde ir. É só buscá-las entre outros mínimos sinais, e achá-las. E depois de estar perdido entre trilhas dizer a Deus e aos pés: *é por aqui!* E sempre é. E os que buscam ao final do Caminho um túmulo, um corpo, acaso sabem quem mais sagrado do que eles são essas setas amarelas pintadas em muros e pedras, e que dizem a quem passa: *aqui é o Caminho?*

Mortos

Apenas fomos antes. Os que haviam partido ao tempo das primeiras neves vieram chamar alguns da geração dos que inventaram em galego a palavra *aldeia* para nomear o lugar onde viviam em casas de pedras e em janeiro acendiam lareiras contra os ventos do inverno. Fomos como eles. Eram filhos de mulheres de um tempo anterior, quando por aqui eram outras as palavras e os gestos de amor entre macho e fêmea. Quando em lugar dos cruzeiros de agora que os nossos aprenderam a erguer sobre mastros de cantaria na encruzilhada dos caminhos, havia nas pedras dos montes sinais gravados em baixo-relevo: círculos, espirais, estrelas. No tempo devido eles vieram chamar alguns dentre os mais velhos. Vieram chamar. Foi tudo. Os que temeram o chamado não ouviram e fingiam dormir. Mas nós nos pusemos de pé, calçamos sandálias e fomos. É isto a morte? Fomos. Antecipadamente arrebatados a um longo sono em uma morada, creiam, de uma estranha luz! Tudo foi no meio da noite e em algumas casas os outros souberam apenas quando veio o sol. Na casa da madrugada, como quem afinal adormece por um longo sono sem medo dos sonhos. Como quem atende ao chamado de outros, desconhecidos e amados, estávamos em paz. Fomos por um ícone de claridade, enquanto antes de dormir em minha casa a mulher estendia sob o ferro de brasas a roupa escura. Depois soubemos que entre prantos algumas velhas diziam orações. E nós, do outro lado dos caminhos da aldeia, sem podermos dizer a elas que atendíamos a um chamado. Havíamos sido escolhidos e íamos como

quem deseja. Saímos de casa em viagem, enquanto os parentes e os vizinhos levavam vestidas em roupas de festa, as nossas casacas. Os que partiram antes, ao tempo dos primeiros bois e do milho, apareceram entre faias e olmos. Se eles brilhavam de luz, não percebemos. Vimos os seus rostos e eram como os nossos. Tinham apenas o ar de quem agora vive além dos calendários. Nada. Apenas fomos indo pelos mesmos campos de sempre com os corpos um pouco mais leves. Éramos três e quando ao acaso nos tocamos com os dedos, éramos entre o trigo e a garça. Mais adiante andamos sem molhar os pés por essas mesmas correioiras encharcadas de chuva. Fomos, repito, e só mais à frente os caminhos familiares foram se apagando. Quando viramos uma curva na estrada um sol de um outro diferente rosto nos acolheu. E foi só então que uma claridade inesperada nos envolveu de sua rara luz. E aos poucos entrevimos que algo dela vinha de nós. Foi assim. E assim chegamos a esse lugar caminhando com os próprios pés. Como quem num momento, entre um gole de água e um outro fosse arrebatado a uma mansão de luz. Mas como quem chega a ela tal como o inesperado que num domingo viajou a pé para rever um irmão em alguma aldeia longe. Agora, passado o tempo do silêncio, como em um sonho eu vos conto, para que enfim saibais e...

*Marie Luise Kaschowitz, in **Vida Eterna?** de Hans Kung, pg. 202*

Peregrino

O que eu fiz foi em silêncio. Sozinho eu vim. Mas todos por onde eu passava podiam me ver, pois eu repousava à noite onde me acolhiam e saía a viajar antes do primeiro claro do dia. Não era em nada furtivo, como o homem que por um momento sai do caminho, e furta algumas uvas na vinha e urina como um cúmplice, disfarçado de ausente, encostado num muro. Sei que os bons estão juntos e caminham juntos. Tocam-se, quando é devido, oram as mesmas palavras e repartem o pão, companheiros. Massageiam os pés uns dos outros e, como nos evangelhos, carregam entre eles os fardos de todos. Cuidam dos enfraquecidos e à noite contam casos de outros tempos, como se fossem parábolas. Eu vim vindo sozinho, desde Puente la Reina até Santiago. Queria carregar comigo uma grande ausência. Na porta de algumas casas eu anunciava o meu destino sem dizer meu nome e pedia o pouso e nunca o pão. Pois, sem orgulho algum – e quero que saibam disto – eu trouxe os meus pães na trouxa de peças de roupa pobres. Sim, porque o tempo todo desejei rever nos pães o sabor das mãos das velhas de minha aldeia. E assim, ao comer eu media pelo número dos que me restavam os dias de minha jornada.

Quando comi o último cheguei aqui neste lugar onde você me vê. Aqui, na porta à esquerda da entrada do portal desta grande igreja de pedras. Tampouco aos anjos pedi coisa alguma. Se eles não atendem aos poetas, acaso me ouviriam? Ao sol sim, eu suplicava o seu calor, pois era junho. E pedia ao vento que soprava da direção de minha Terra, já que os de minha raça somos um desejo de não ter pressa e nem destino. Preferimos o deserto à Terra Prometida. Existe um Deus? Então ele não mora em parte alguma. Ele há de ser o começo de todos os caminhos e não se encontra onde eles terminam. Catedral alguma o aprisiona, pois o coração do homem é o seu telhado. E foi assim que nesta grande catedral até onde um dos muitos caminhos me trouxe, não acompanhei os outros em pousar as mãos contritas e os lábios na coluna e, depois, no túmulo onde dizem que jaz um homem de outras terras. Não! Com as duas mãos toquei as pedras do lado de fora do templo e murmurei assim: *Deus, se existes, estás aqui.* Não vi sinais. Se o estranho homem santo a quem se honra aqui foi um peregrino como eu, então somos irmãos e nossas almas saberão se achar. Creio no sentido e no acaso, e isso me basta.

Se ele foi mesmo um pregador da memória de um homem-deus, quero a sua carta e não quero a casa. E se ele foi um guerreiro, como contam alguns entre Roncesvales e Villafranca Del Bierzo, é mesmo bom que esteja morto. Pois o destino dos que matam é a morte. Andei até aqui. Vejam os outros: alguns voltam, cumpridos os ritos de piedade. Eu voltarei quando esta vela acesa no chão tenha se consumido. Ou, antes de retornar aos meus prados de carneiros, talvez eu estenda a jornada até um lugar onde diziam os antigos que a Terra inteira se acaba. Talvez ali eu encontre respostas às minhas perguntas. Mas, eu tenho perguntas? Desconfio que somos ao mesmo tempo a lembrança e o esquecimento da fragilidade da Vida. Os cães que nos ladram pelo caminho sabem disto.

Profecia

Depois de Compostela alguns prosseguem o Caminho e viajam até onde a terra acaba no mar sem fim. Escuro e tormentoso mar depois de onde diziam os sábios e as gaivotas, nada existe afora as águas e o sal. E assim passaram por essas pedras daqui alguns homens acostumados ao carvalho e ao aroma da canela. Alguns vinham armados de tochas e interrompiam mesmo no inverno o andar para o banho e as preces. O rosto voltado para o Levante, e depois seguiam, porque havia os que caminhavam noite adentro. Mas não chegavam lá antes dos que partiam cedo quando ainda escuro e vestiam túnicas da cor dos olhos de Deus, diziam. E vieram depois foi o tempo de passarem por aqui alguns sábios e músicos de lentos passos e até hoje se fala de dois ou três que caminhavam lendo salmos e astrolábios. Algumas músicas que os mais velhos lembram, fala-se que foram antes cantos desses homens. Eram raros homens de belas palavras e barbas espessas. Alguns já de meu tempo vinham por aí com o ar de desalento de quem sabe que não chegaria a parte alguma. Iam. Outros, raros, os de passos mais lentos, vinham com as esposas. Por causa delas algumas vezes chovia em julho e a alfazema floria em maio. Uma um dia disse assim: *não sei para onde vamos, mas sei para onde eu quero voltar*. E outra disse voltando a nós o rosto quando já iam dobrando a curva depois da ponte na estrada: *são como as folhas os homens; amam o vento. Nós somos seiva; um povo de águas*. Assim foi antes de mim e antes,

bem antes de meu pai. E adiante virão outros. E farão o mesmo Caminho. Mas já serão então outros e não lembrarão mais como dizer as sete palavras em segredo, cada uma ao início de uma nova jornada. Trajados de sedas e de botas claras, passarão por aqui sem perguntas. E porque ainda caminha quem já não trás mais perguntas? Depois cessará até mesmo o tempo dessa espécie. Dos seres humanos essas outras tribos de viventes não ouvirão mais a cítara e o suspiro. O silêncio das palavras se estabelecerá e o rumo que tomavam em busca do fim da Terra estará enfim livre de preces e de poemas. Passarão por aqui os bichos das quatro estações e o sinal de seu tempo será o tardo vôo sem pressa de um pássaro que ainda não existe. Passarão entre ida-e-vinda os cavalos livres do cabresto e as bestas dos montes. As que se alimentam de folhas, as que vivem debaixo da terra e as que comem a carne de gazelas. O derradeiro haverá de ser um unicórnio. E até eles deixarão de passar e virá afinal a era sem o tempo das árvores e dos anjos. Eles semearão outra vez o pinheiro e o baobá. A terra abrirá no que foi este Caminho as trilhas de seu corpo e esta trilha entre a montanha e o mar desaparecerá sob uma floresta sem nome algum. Seguirá por aqui o vento, o último peregrino. E ao passar a cada dia dirá para ninguém ouvir: *quem lembra quem passou?*

2. A Aldeia

Mortos

Apenas fomos antes. Os que haviam partido ao tempo das primeiras neves vieram chamar alguns da geração dos que inventaram em galego a palavra *aldeia* para nomear o lugar onde viviam em casas de pedras e em janeiro acendiam lareiras contra os ventos do inverno. Fomos como eles. Eram filhos de mulheres de um tempo anterior, quando por aqui eram outras as palavras e os gestos de amor entre macho e fêmea. Quando em lugar dos cruzeiros de agora que os nossos aprenderam a erguer sobre mastros de cantaria na encruzilhada dos caminhos, havia nas pedras dos montes sinais gravados em baixo-relevo: círculos, espirais, estrelas. No tempo devido eles vieram chamar alguns dentre os mais velhos. Vieram chamar. Foi tudo. Os que temeram o chamado não ouviram e fingiam dormir. Mas nós nos pusemos de pé, calçamos sandálias e fomos. É isto a morte? Fomos. Antecipadamente arrebatados a um longo sono em uma morada, creiam, de uma estranha luz! Tudo foi no meio da noite e em algumas casas os outros souberam apenas quando veio o sol. Na casa da madrugada, como quem afinal adormece por um longo sono sem medo dos sonhos. Como quem atende ao chamado de outros, desconhecidos e amados, estávamos em paz. Fomos por um ícone de claridade, enquanto antes de dormir em minha casa a mulher estendia sob o ferro de brasas a roupa escura. Depois soubemos

que entre prantos algumas velhas diziam orações. E nós, do outro lado dos caminhos da aldeia, sem podermos dizer a elas que atendíamos a um chamado. Havíamos sido escolhidos e íamos como quem deseja. Saímos de casa em viagem, enquanto os parentes e os vizinhos levavam vestidas em roupas de festa, as nossas cascas. Os que partiram antes, ao tempo dos primeiros bois e do milho, apareceram entre faias e olmos. Se eles brilhavam de luz, não percebemos. Vimos os seus rostos e eram como os nossos. Tinham apenas o ar de quem agora vive além dos calendários. Nada. Apenas fomos indo pelos mesmos campos de sempre com os corpos um pouco mais leves. Éramos três e quando ao acaso nos tocamos com os dedos, éramos entre o trigo e a garça. Mais adiante andamos sem molhar os pés por essas mesmas correioiras encharcadas de chuva. Fomos, repito, e só mais à frente os caminhos familiares foram se apagando. Quando viramos uma curva na estrada um sol de um outro diferente rosto nos acolheu. E foi só então que uma claridade inesperada nos envolveu de sua rara luz. E aos poucos entrevimos que algo dela vinha de nós. Foi assim. E assim chegamos a esse lugar caminhando com os próprios pés. Como quem num momento, entre um gole de água e um outro fosse arrebatado a uma mansão de luz. Mas como quem chega a ela tal como o inesperado que num domingo viajou a pé para rever um irmão em alguma aldeia longe. Agora, passado o tempo do silêncio, como em um sonho eu vos conto, para que enfim saibais e...

*Marie Luise Kaschowitz, in **Vida Eterna?** de Hans Kung, pg. 202*

Ventos

Primeiro vieram as eras em que uma palavra dita entre dois ficava suspensa no ar por uma noite inteira. Vinham os sinais do dia, os ventos, os clarões do trabalho sobre a terra em que o sol da manhã se refletia nos pássaros, no ladrar dos cães, no marulho das águas movendo moinhos, no alarido das crianças a caminho da escola e no cair de dois ou três frutos maduros no chão. Vinham, e o que era dito perdurava como um recado, um poema, um indicar do rumo por onde se vai. Ficava ali suspenso no ar, como um canto, como um grito. Dizem que quando um dos homens daqueles tempos morria, aos sete dias o seu corpo desaparecia de sob a terra. Acostumaram-se a crer que nela eles se consumiam sem deixar vestígio algum, e os sumos em que se transformavam nutriam as raízes das árvores. Nunca se soube, no entanto, mas assim se cria. E algumas árvores daqui se diz que têm mil e mais anos e parecem eternas. Um deles um dia quis ensinar aos daqui os artificios de silenciar o vento. E os ventos vinham do mar e no aço dos cumes das ilhas do Norte afiavam os dedos antes de passarem gelados por essas terras de montes altos. Os nossos antigos corriam a esses altos com altares. Iam primeiro os homens e, depois, as mulheres sem filhos ainda. Iam armados e contra os ventos brandiam foices e facas e instrumentos de lidar com o feno. Gritavam palavras aprendidas, fórmulas de exorcismos de que a raça dos nossos não lembra nada, a não ser

um nome de mulher *Águeda*, e o costume de riscar com bastões no chão três círculos, como se um aprisionasse o outro. E costumavam sacrificar cordeiros sobre aras de pedras e atirar pelos e o sangue aos ares. Mas alguns ventos passavam e derrubavam casas e arrasavam montes. Foi quando veio de longe um outro. Ao verem os nossos em desespero, em tempos quando os ventos semeavam os horrores, levou-nos ao lugar mais alto e disse aos homens: *tentai daqui todos juntos; vede se conseguis parar os ventos!* E sabendo que não eram capazes, de tanto, como de fato não foram, e vendo as lágrimas nos olhos dos mais velhos, ele disse isto: *um gigante competia com um menino. Atirou aos céus uma pedra tão alto que ela demorou três dias para voltar. O menino abriu as mãos e soltou um passarinho. Ele voou embora e não voltou nunca mais. Não podeis deter o vento, homens daqui. Mas estais de pé! Podeis resistir e podeis permanecer. Ele passa e estais aqui. Com essas mesmas armas que levantai impotentes contra o vento, sabereis reconstruir cada coisa que com o seu sopro ele deita na terra. Eis como a cada vez podereis vencer o vento!* Desde então os homens daqui ensinaram uns aos outros a não armar mais as armadilhas inúteis de linho e pedra contra os ventos. Mas a cada vez repomos juntos de pé a desordem de sua passagem. Reerguemos muros e hórreos.

Reparamos janelas e lareiras. Replantamos hortas, ervais e campos de trigo. Enterramos os mortos entre cantos. Cortamos as partes das árvores caídas e com a sua madeira fazemos sapatos, carros de bois e instrumentos de trabalho. Aprendem os ventos? Não sabemos. Mas de era em era eles nos voltam mais mansos, sem as fúrias dos primeiros tempos. Alguns, suaves como a brisa que mal balança no varal as roupas, nos ajudam a espalhar sementes pelo campo.

Outros

Tereis mesmo ido embora, oh rostos? Oh nomes? Tereis mesmo silenciosamente partido e agora viveis para além da existência e do encantamento? Tereis viajado embora? Em que rumo? Então nos viemos – nós, os últimos de nossa raça – às ocultas a este lugar de pedras e lobos e é em vão? E cada vez quando é a lua nova acendemos fogos e, escondidos à sombra de um carvalho convocamos os bons espíritos e acendemos folhas de loureiros e não nos escutais. E tiramos do lugar dos fundos da casa roupas brancas de raro uso nestas terras, e vestimos túnicas de lã e calçamos sandálias de couro cru para vir até estes altos honrar como os antigos a vossa presença na torrente da vida, para onde quer que tenhais ido estareis mortos? Distantes ou aqui? E aqui estamos sob o poder da noite e apenas o silêncio – o não dizer palavra alguma – nos protege dos ardis do mal. E agora a lua de junho veio e brilha o corpo nu sobre a copa da árvore sagrada. Isso vedes? Árvores que foram, supomos, a morada de castanhas, de aves e de vosso espírito. E não estais mais aqui? Como? Se elas crescem e dão, cada uma a seu tempo, a flor, o fruto? Vede, rostos amados: à beira do Tambre continuam a crescer os salgueiros, os abetos, os olmos, as faias, os freixos, os carvalhos e as castanheiras. Mas como segue sendo se não estais mais aqui? Se não presidis como antes o curso da seiva, a cor das águas? Quem, dizei-nos? Quem, oh seres de nosso rosto, está presente e oculto aqui

para ordenar a lenta arquitetura da vida? Que outras mãos? Que outros gestos de algum semeador do oitavo dia substituem os vossos, quando da terra que uma tarde pisastes antes de nós, sai a primeira rama do trigo? Quem em vosso lugar ordena à uva que madure e depois protege do vinagre o vinho nos tonéis? Quando a cabra pare a sua cria e pia o cuco no cair da tarde, quem? De onde vem agora, se haveis partido daqui, estabelece a previsível ordem da matéria da vida entre as estações de cada ano e refaz o ciclo de seus ritos? Quem? Se o ar de vossa presença e o vigor de vossas almas já parece não estar mais aqui entre nós? Quem? Haveis escolhido a fuga e o esquecimento quando chegaram por aqui esses outros? Haveis polido em que as arestas de vossa antiga força primária, como as águas do Sar afiam as pedras de suas margens? Vedel! Haveis perdido – oh nomes que não sabemos esquecer – a corrente de fogo que antes nada represava? Rios da luz das águas da espera e do longo vôo? Sereis agora o pequeno lago de sombra cinza onde as fêmeas dos bosques vão beber água com os pés atolados na lama? Vós que em outras eras haveis sido, entre a Amahía e o Xallas, o vendaval e a tempestade, sereis agora a brisa de março? Um desses ventos domados em quem as moças de Luaña secam as suas saias? Sereis agora pequenas ondas de movimento que mal esvoaçam os cabelos de quem colhe centeio? Haveis – oh rostos incontáveis – vos entregado ao ócio e ao outono? Ah, não! Vós, os nossos, antes lembrados até nas canções de quando a avó envolvia a neta nascida duas luas atrás em peles de ovelha e cantarolava para que ela

adormecesse segura de que, se estais no canto, estais no mundo. Ah, não! Pois em nós, seres de nosso rosto, em nossa memória e em nosso coração nunca silenciado, em nós que aqui estamos e como vós em vida nos chamamos, José, João, Pedro, Manuel e Santiago, nomes dados por outros depois de vós, entre a água, o sal e o óleo, em nós que até aqui viemos e viremos outras vezes, estais vivos como sempre e viveis. E viemos aqui - ah rostos de nossos outros - para vos lembrar os nomes e vos dizer isto.

Angel Crespo - nunca idos

Mínia

Morri como mil. Mas a mim me deram este nome Mínia. Por isso as outras, moças na morte como eu, foram virgens e, algumas, mártires. Eu sou santa de uma história que não se conhece, mas em que se crê. Não me lembro de milagres e minha mãe cuidava de mim como as outras. Agora durmo sobre sete almofadas dentro de uma urna de cristal, não muito longe daqui. A casa de minha igreja os homens teimam concluir em Brión, entre a grande de cathedral e o mar do fim do mundo. Mas dizem os que me trouxeram das terras de areias, que quando acabarem meu templo acabará também o meu mito e não haverá mais nas noites de setembro o acender de velas longas com que me pedem filhos e frutos. Por isso, até hoje fiquei assim: metade pedra e metade sombra, deitada dentro de um lar de vidros, com a cabeça apoiada sobre sete almofadas de seda. Eu, Mínia. Elas chegam diante de mim com longas matilhas na cabeça e longas velas de cera na mão direita. Me espiam ternas o corpo de morta. Ouço como um ruído de pequenas ondas chegando à praia as suas vozes. Entendo serem preces e não sei se dirigidas a mim, que desaprendi de orar, ou se a um Deus que não precisa de seus rogos entre suspiros para saber o que destinar a uma gente que ora pede a saúde da filha, ora a prosperidade das vacas.

Mulheres como um dia eu fui, e que precisam vir aqui ver o meu rosto para descobrirem os seus. E sei que elas saem depois em silêncio, contritas e certas de que a vela e a voz acesas diante de mim fazem o milagre que esperam. E saem fora a ouvir as gaitas, a tomar vinho branco e a comer polvos. Quem delas erguerá a taça e dirá às outras, a Deus e a mim: *à Mínia, mulher como nós?*

Torres

Pelo menos uma vez na vida saberemos como dar a voz às pedras? Melhor do que os frágeis papéis onde os homens armados de madeiras pensam escrever para a eternidade, aprenderemos a deixar a estes blocos talhados por canteiros o dizer a todos sob esta sombra da tarde de um outono, aqui, no alto deste monte, qual é o segredo oculto atrás dos ícones? Pois os que aqui viveram gastaram dias e noites de suas vidas empilhando granitos e gravando nelas alguns sinais com a vocação do infinito. Desenhos, letras que depois dos séculos tornaram-se apagados, irreconhecíveis. Alguns emblemas com símbolos que já não mais se podem ler, e que talvez mesmo antes não dissessem coisa alguma, além de um nome ou um rosto hoje esquecidos. Pois aqui, irmãos da noite, como em vossas terras e em toda a parte, a história das eras é sempre igual: aos senhores os altos; aos servos os baixios, beiras de pântanos, os lugares longe das muralhas e das torres. Por isso aqui em Altamira, no lugar mais alteado entre os montes, morada de ventos, ergueram os senhores de seu tempo uma fortaleza e um oratório. Casas de guerras, templos e castelos. Há eras em que os homens confiam mais em pedras do que nos deuses. Lugares entre o ferro e a seda no alto de onde suas barbas longas espreitavam com as sentinelas o inimigo ou o dia do juízo final. Arabescos de areia. Aqui, onde corpos ansiosos e esguios de mulheres que

adoravam árvores, curvadas ao sul, aguardavam bordando linhos a volta de seus homens, sujos, sanguinários, mas vivos. Altas torres de pedra, hoje ruínas. Pois há vezes, raras e nobres vezes, em que os camponeses antes arredios e humilhados, dizem às avessas as preces que aprenderam e se armam de enxadas e foices afiadas. Armam-se de outras canções e com elas e as mãos que plantavam o trigo derrubam dos altos ermos, como aqui em Altamira, os senhores dos altos do mundo.

Irmãos

O que importam os nomes! A nós nos chamamos *Hermandiños*. Quando eu feri com a picareta um primeiro lugar dentre duas pedras da torre, fiz isto com as forças todas dos dois braços. Deus esteja! Minhas mãos de madeira e lágrimas fizeram aquilo. Se havia ódio não lembro agora, sessenta anos depois. Mas em meu arfar de moço galego havia o furor da fome. De longe, lembro que um dos nossos, mais vestido de vermelho do que os outros, gritou esta frase: *se a outros os profetas do deserto puderam dizer 'que não fique pedra sobre pedra' porque não a nós? Os senhores fugiram. Quebremos a sua memória!* E assim foi. Aos gritos, entre blasfêmias e preces ferimos aquilo como quem veio dos infernos destruir a Cidade de Deus. E quando Ele vier me julgar saberei olhar o seu rosto de velho e de luz e direi isto: *eram só duas torres de pedras no meio de uns montes da Amahía. Algumas garças passaram e eram brancas. Vimos aquilo como um anúncio. Subimos até lá levando as armas do trabalho e não cruces de madeira. E com dois dias e duas noites de nossa fúria derrubamos chão abaixo as pedras que o trabalho dos avós de nossos pais levantaram ali. Eles ergueram; os senhores habitaram; nós destruimos. Eis a história. Fomos os *Hermandiños*: as fúrias.*

Depois de tudo, foi como sempre. Os que montavam os cavalos nestas terras de peregrinos abençoaram fogos e arcabuzes e vieram contra nós, homens do trigo, do centeio e pão de milho. Foram então os tempos do abutre e da noite. Alguns dos nossos morreram aparando lanças com foices. A outros prenderam com ferros em escuras covas: os silêncios. A alguns, como eu mesmo, marcaram com fogo e disseram: *sois Caim!* De nada eles não sabem, mas a alma do Anjo do Oitavo Dia os vigia de perto. Dia virá! A muitos arrancaram o coração e os deram aos cães. Restamos poucos. Restei eu que escrevo isto para que saibais o que houve, antes de lerdes os livros desenhados por eles, com letras de sangue e ouro. Uma manhã de maio – e era uma manhã bem clara – vi que o emissário de Deus me veio. E eu gritei: *ainda não!* E disse com os olhos nos seus: *se houve culpa, que uma luz vinda de ti me fira de morte. Não temi antes, não tremo agora!* Ele era apenas um pouco mais velho do que eu e sei que me ouviu. E não disse nada e não houve nada, sabeí. E também isto eu escrevo. Porque nós subimos o monte e fizemos estes castelos de pedra ruírem, eu não me lembro mais. Os nomes se apagam e os gestos. Fomos as fúrias, digo de novo! Que os corvos e os cucos expliquem por nós. Agora acabo; findo aqui. Um dia adiante haveremos de ser meia página em alguns livros de escola. Mas sabeí que até o final dos tempos o sinal de nossos feitos ficou por aí. Aqui, por toda a parte. Para sempre, até quando?

Pássaros

Antes, quando não havia o relógio, éramos o anúncio das horas, os senhores do tempo. Desde a madrugada cantávamos e o sol surgia. Dizíamos aos campos e aos homens, com a canção e o silêncio, os intervalos do dia e o fluir de seus momentos. Com a direção do vôo desvelávamos aos camponeses os ciclos do ano. Eles nos ouviam atentos para acordar, para lavrar a terra, para comer, para amar e adormecer. Vendo em nosso vôo a vestimenta das eras da vida, sabiam quando semear e quando colher. Sabiam quando acasalar e quando morrer. A Primavera aprendeu com o nosso retorno do Sul a voltar também. Não era o Inverno quem nos fazia aos bandos viajarmos às águas do Sul. Era através dele que os ventos do Norte, errantes como nós, aprendiam a trazer dos céus a neve branca. Entre nós, os pássaros e os homens do campo de um tempo anterior havia esse acordo. Nós sabíamos do velejar dos instantes e eles traduziam o saber de nossos cantos em palavras de sua tribo. Juntos criamos a poesia. Dissemos a eles, como entre amigos que o passar dos anos não faz esquecer: *para nós o Sul nos basta. Mas é por amor a vocês que enquanto houver em alguns dias de setembro uma manhã acolhedora do sol, aqui estaremos de novo, uma outra vez. Aqui, de volta.*

Gaitas

Foi quando os nossos antigos acreditavam em magos que cultuavam árvores. Viam em tudo um sinal e quando em novembro os patos selvagens voavam para o sul, eles abriam também para lá as portas das primeiras casas de pedra. Vestiam-se de branco, os homens mais velhos, os mais sábios. E a um deles atribuíram a gaita de foles que antes não existia e que aprendemos a tocar com mãos limpas, pois elas aprisionavam o vento e faziam sair dele sons que acalmavam as tempestades e ajudavam a madurar nos montes as castanhas. E desde quando aprendemos a armar de panos e madeiras as gaitas, descobrimos que éramos também os irmãos do vento. Os que primeiro dominaram esta arte perigosa, aos olhos de alguns, foram com o tempo ficando mudos. Não falavam mais os nossos gaiteiros mais sonoros. Mas com o tempo até as crianças sabiam decifrar em seus toques a beleza e a profecia. Alguns jejuavam em abril. De dois ou três ficaram notícias aos pedaços: eram magos: conjuravam os poderes, sopravam as gaitas que mulher alguma poderia tocar sequer com a sombra do corpo e davam nomes às estrelas.

Faziam prodígios, mas na hora da ceia comiam como nós, com as mãos, nacos de carne de javali. Por algum tempo corria a notícia de que quando morriam, aos sete dias os seus corpos sumiam na terra. Nos acostumamos a crer que se consumiam por inteiro nela sem deixar vestígios, e o sumo de seus corpos iam nutrir as raízes das árvores que adoravam. Nunca se soube, mas mil anos depois, algumas árvores que emprestam a madeira e o aroma para o fabrico das gaitas, ainda são entre nós nomeadas com as sílabas de seus nomes.

Trigo

Agora, como é setembro, quero dizer estas palavras. Antes, quando era então, os velhos da aldeia acorriam com as mulheres e os filhos aos meus campos. Era a idade da terra em que o trigo era livre nas leiras das lavouras e copiava do sol o tom do ouro. Esses ruídos de máquinas não se ouvia em parte alguma, e o mugido dos bois atrelados aos carros eram como um navio ao partir de um porto em maio. Alguns de nós, os mais jovens, quase sempre, gostavam de se imaginar os mestres do tempo e da matéria, apenas porque havíamos conseguido trocar por ferro e aço a ponta de madeira dos velhos arados. E era quando, mesmo sendo pobres, trabalhávamos cantando. Por isso eram mais doces os pães que as mulheres assavam nos fornos de lenha. E quando com as suas mãos suaves e sem calo algum o padre que vinha até estas aldeias e elevava em direção à cúpula de nossa pequena igreja um pequeno círculo de pão branco, feito de trigo, anunciando que aquilo era o corpo de um deus, os outros abaixavam ao chão os olhos. Eu não, humilde e crente, mas sabedor de nós, eu queria olhar de frente aquilo e dizer aos meus e aos céus, como uma prece, como uma benção: *arei, semeiei, cuidei e colhi; que agora Ele me olhe face a face!*

Sar

Esta é uma história desconhecida e aconteceu faz muito tempo no calendário dos homens. Quando o Galileu parou em minhas margens, disse: *me dá um nome; livra-me do mal*. Respondi: *ainda não é o tempo*. Ele me ouviu sem falar. Eu disse: *busca um outro rio, mais ao norte, bem mais a leste, e maior do que eu. Ali vive um homem coberto de peles e fadigas. Come com ele mel e gafanhotos. Depois diz a ele o que disse a mim e a resposta virá das águas e não dele*. Como sempre foi, se os rios não guiam os homens, eles se perdem e chamam esta perda de destino. Despedi o Galileu com estas palavras de meus murmúrios entre águas e pedras. Quando ele ia já longe e caminhando a leste se afastava de meu leito, gritei ainda: *prepara-te! Depois virão as palavras de que um deus se alimenta, alguns gestos com saliva e barro, e o sofrimento*. Foi quando ele se virou e gritou de longe, e eu quase não ouvi: *e virão o dia e a noite. Espera, aguarda! E haverá de vir de lá uma barca de pedra*.

Ons

Desnecessário procurar o que se diz do nome Ons, ou de sua variante: Oms. Palavras de um único sopro que, segundo alguns querem dizer muito em outras línguas e, segundo outros, nada. Um som, como um balido, um sopro de vento, um sinal do arfar de Deus quando coloca sob a terra uma semente a mais. Os dicionários são omissos. Sugerem apenas lugares sem desvelar o mistério oculto na palavra. Seu som conjurava quem? Pensam que porque sabem da história, conhecem os segredos das origens. Eles se contradizem, mudam com os tempos. Às vezes apenas se enganam, às vezes mentem. Melhor assim.

Meiga

Ando às voltas com a cegueira. Fecho os olhos e vejo. Há noites de outono entre a Minguante e a Nova em que essa camada de carne suave tem dores de pedra. São as minhas dores, prisioneiras do espanto e do espelho. Não há nada a fazer, agora, quando os homens que talham cruzeiros nas estradas dizem que os sortilégios são enganos. Ao norte daqui algumas mulheres foram queimadas por isso. Tento ver seus rostos na beira dos lagos. Mas não. Melhor que fiquem coladas aqui, em algum lugar dentro de mim. Algumas outras, mulheres de aldeia ou seres que sobraram de nossas raças antigas, antes de tudo isso acontecer, acaso sabiam sobre o inexistente, procurando aos tateios com a pele enrugada das mãos, já que para alguns entes da noite elas enxergam melhor do que os olhos. Assim os meus, que já me escapam de se livrarem de mim. Já busquei tanto! Tinha poderes e podia curar doenças com algumas palavras e o toque de meus dedos. Agora não, e procuro abrigos. Alguém que não me tema e abra a porta e diga: *vem comigo*. Creio, mas não sei mais como repetir preces. Penso em Deus em silêncio e se ele não existe, que venha aqui me dizer. E antes, mesmo os que vinham aqui trêmulos, primeiro me ouviam. Depois fugiam sem olhar para trás e alguns gostariam de acender o fogo embaixo de minhas carnes. Às vezes é nem esperar. Seria bom fechar os olhos ao cair da noite e abri-los no meio de uma tempestade. E não ver nada ao ouvir o tambor dos trovões. Mas desde quando por aqui mudaram o rosto e os nomes dos deuses, chove magro, regrado.

Do que roça o meu corpo envelhecido, aprendi a separar o sopro do vento do arfar do Espírito. Sei que raro, mas sempre, ele passa, e é bom. Depois, nem isso. Algumas mulheres de roupas negras cruzam leiras por aqui e gritam do lado de fora: *deus passa, é só ouvir!* E eu que só, aqui, agora vejo através. Fecho os olhos que abertos já não distinguem o dia da noite e espio o insondável. Depois calo, pois de quem eu fui já se descrê em demasia. Na minha morada de madeiras e palhas, do que já houve restaram algumas letras coladas no chão. Quem anda pela casa como eu descalça, sente e lembra. Cega das cores é pelo tato da pele que me chega o sabor e o saber. Meu corpo que homem algum tocou por suas delícias. Nunca fomos muitas e hoje a conta de quem somos cabe nos dedos das mãos de um menino. Um dia a última de nós gritará ao vento o nome de todas. E será como nada. Se formos adiante algumas histórias que as avós contam aos netos, já será bastante. Ao tempo em que havia por aqui crenças no fogo e na terra eu gritava de minha porta um nome, e ele vinha. Agora durmo em branco. Fomos... é isso. Um copo de água dado no oco das mãos de alguém já seria tanto. Mas, quem?

Márcia Nogueira – carta pessoal

Jazigo

Aos mortos daqui damos lugares eternos ao lado direito da igreja da aldeia. Assim, que de onde dormem nossos pais vejam as torres que fizemos, vejam os ninhos dos pássaros e as vejam maçãs pendentes dos galhos das árvores que os seus pais plantaram. Que vejam isto antes de olharem a face de Deus. Que ao tempo das colheitas sintam uma outra vez o doce odor do milho cortado com nossas foices, levado aos silos para o gado dos invernos. Que ouçam de longe, como se à noite, o que cantamos quando nossos pés e prensas amassam as uvas de cor clara. Que saibam da eternidade aqui, ao ouvirem de onde estão os risos dos netos de seus netos.

Outono

Ensinei à primavera a ciência das cores. Ela dedicou-se ao efêmero: a flor. Eu, ao eterno: o morrer. Por isso ela se colore com cores diluídas em água pura e, eu, com o fogo. Se vocês não me acreditam, observem com destemor o que acontece. Todos os anos chega o meu tempo e os calores vermelhos de agosto fogem para o sul. Quando é isso, eu roubo do sol os mesmos raios e com eles incendeio, silencioso e sem calores, os campos do Norte. Novembro é o tempo de meu reino e com o sal da terra e o ar das estrelas governo o mundo e povôo de castanhas o chão da Galícia. É quando eu lembro aos efêmeros tons do verde que chegou o tempo de abandonarem as árvores e deixarem que eu revele nelas o interior de seu tesouro. Pois, depois do verde trago a estes campos todas as variações do ouro e do sangue de que são feitos os homens e a terra. E de suas cores retomo a tonalidade de tudo. Devolvo à terra tudo que ela ama e, juntos, frutificamos a sua substância oculta dos olhos de quem colhe a fruta. Assim fazemos até quando do alto dos montes janeiro venha e dissolva em brancos o meu labor de artista. Sou o tempo das graças e apenas poucas canções de algumas

velhas celebram meus feitos. Vocês que se vestem de cores claras em maio, venham dar à vida graças comigo, e festejaremos a vida ao redor dos frutos e de seus óleos. Vejam: quando eu houver pintado de ocre o corpo das florestas e deixar ao inverno o trabalho de congelar galhos secos, já os frutos das eras haverão de ferver à volta das lareiras. Quando vier o tempo em que os pássaros partem, eu serei no lugar deles o canto do silêncio. Assim faço quando fermento nos escuros da terra o que há de sagrado na alma de Deus.

Tardes

Isso me alegra mais que tudo: as horas dos vôos dos ouros da tarde. Uma fada em Lugo estende a colcha da noite e antes de adormecer diz às estrelas: *venham cantar as cantigas da noite!* Então é a hora desses jogos sem data entre a luz e a sombra. O restinho do sol dobrando os montes e já o rebanho e o pastor das nuvens guardando no estojo as cores que vão do cinza claro ao escuro, e dele ao azul quase negro do resto que sobra do rosto do fogo. Alguns pássaros dão os últimos sinais do dia: piam ainda, mas agora é um canto que fêmea alguma atende. São pássaros que conhecem que a noite não chega sem essas canções de cucos, de pastores e de marinheiros. Outros buscam nas silvas, nos galhos das árvores dos montes o lugar do sono e do aconchego. Há também os que preferem os campanários e ali dividem com o sono dos sinos, um silêncio que Deus prefere às ladainhas. É o momento, e quando eles calam as corujas sabem que chegou a hora, e a noite é quando nos campos da Galícia já não se desvela mais a diferença entre uma ovelha e o cão pastor. Mas antes de tudo parecer uma só cor todas as outras clareiam a tela do horizonte. Aquarela efêmera e por um instante, próxima do triste. Depois é quando no céu acima as estrelas lavam os cabelos antes de iluminarem o chão de nossas aldeias. E quando não há mais luz alguma, então é quando tudo brilha. Pois houve um tempo em que a noite era um grande fogo aceso.

Presença

Um grão de chuva. Acaso alguém, uma única pessoa dessas que dizem no meio da novena: *Deus me fala*, parou entre um caminho e outro, de volta à casa uma única vez. Parou ali, como se o mundo inteiro existisse devagar e sem tormentas estivesse começando agora? Alguém desses que esperam anjos na porta de casa acaso parou um dia assim para ouvir vindo do chão o ruído da voz do mundo? Alguém lembrou de viver isto uma única vez? Pois isto é Deus. Não fosse por ser Deus, em nome de quem uma mínima, uma única gota da primeira chuva de novembro viria dos céus fazer aqui esse murmúrio único? E quem existe em uma folha seca de olmo caída na estreita calçada do ombro de quem volta do campo e passa, e vai embora sem saber que foi por um segundo o lugar de um milagre? E ela tomba de seu galho no ombro de quem passa e fica ali, tremendo, por um momento antes de voar ao chão. Há milagres? Eis um. E há horas que é como o sentar no chão da terra e ouvir a alma. Há outonos assim e o silêncio, sua morada, ele vem então. Como o findar do vôo quando uma ave branca chega ao ninho e pousa. Como quando um anjo silenciosamente imita o seu gesto e, na mesma árvore, guarda as asas e senta o corpo ali, ao lado da ave: seu igual, seu outro. Banhado de luz, pois é um anjo, mas igual ao pássaro, uma outra ave, e somente isto. Alguém que a seguir, entrando na casa de um pobre entrasse sem bater e apenas dissesse: *vim*. E sem perguntas ganharia um lugar ao redor da lareira. E depois de comer,

como uma prece, como uma benção, diria antes de ir embora: *nessa sopa de cebolas só faltou mais uma pitada de sal*. E sorria ao vento, a uma criança e a um pássaro, sabendo que, ele sim, quando canta, profetiza. Então, à volta da lareira acesa de ramos e galhos de um choupo reinaria um grande silêncio. E ele iria embora como veio, sem dizer sequer o nome. E, no entanto, entre todos, o corpo das mulheres, esse suave tecido do desejo, seria como se pudesse ouvir o canto da gota de chuva quando cai. E ouvir a sombra da tarde e o seu lamento, que somente às aves e às mulheres os anjos revelam.

Festas

Música feliz a dessas gaitas e pandeiros. Ah, suave música estridente que espanta os cucos e atrai os elfos e suas brandas almas. Músicas que arrancam de couros e de madeiras nas mãos e vozes agudas dessas moças e desses rapazes vestidos de panos antigos, quando eles fazem soar entre as pedras dos caminhos da aldeia, aos pares, em quadras, em grupos de cinco a sete, os anúncios ao sol, e aos homens da manhã da festa. E os arautos alegres são quando dizem entre sons de gaita e cantos, as palavras que recordem aos vivos que estão vivos e tudo passa. E aos mortos que lembrem de quem foram quando eram os que se deixaram ir daqui, e aqui permanecem e não precisam mais dormir. Assim cantam os que batem com as mãos em couros de ovelhas esticados ao fogo. Que toda a alegria é isto e não é preciso mais coisa alguma do que uma festa que reúna sob os carvalhos os velhos do lugar e dure pelo menos o tempo de uma manhã de sábado até a hora das altas estrelas no domingo.

Gaitas

É preciso todo o desvelo de um cuidado esmerado de mínimo gesto. Cuida de teus dedos e de tudo o que eles façam se vierem a percorrer a madeira perfurada destas gaitas de fole sob o bailar de teu desejo. Um pequeno gesto errado sobre este teclado de sopros pode alterar o curso das estrelas. Quando me tomes e me invadas do ar dos ventos da Galícia, lembra-te disto. Pois alguns ao me soprarem a esmo e sem ritos, pois não conheciam os segredos do corpo que eu oculto quando sô, conjuraram os malefícios do lado escuro da noite. Somos gaitas de povos sem palavra escrita. Misturamos a pele dos carneiros à madeira de olmos e mais o mel. As mãos do artesão que nos fabricam, por três dias antes e depois não tocam o corpo das mulheres. A aura que viria deles seria em demasia. Os que nos sabem fazer às vezes sonham grandes eras. Então profetizam o passado e comem com os espíritos dos rios, sopa e pão. Depois vem o vento e sussurra aos escolhidos: *toca!* Nossos ecos aos ouvidos de aves e camponeses voam longe, e os sons que saem de nós são a mão com que os ventos alisam o rosto das montanhas. Houve um tempo em que os amantes que se uniam pela primeira vez enquanto ao longe uma de nós soava, depois de cem anos, ainda ardentes, amorosos, avançavam de mãos dadas contra a morte. E quando vieram os do Caminho de Santiago, alguns soavam ao longo dele nossos ares, nossas músicas. Então porque dentro dos templos

soam os órgãos e calaram as nossas músicas, para que Deus, inebriado, não apressasse o final dos tempos. Quando nos ouvires, não penses em nada, pois isto compete às ciências e elas de nada conhecem a música. Supõe sonhos: devaneia. Viaja como se meu canto fosse um barco. As velas de cor laranja abertas ao vento. Supõe sonhos de sentimento antes da palavra. A crença esquecida da oração e acolhida no silêncio, como quando a esposa diz a palavra “sim”. Ouve. Supõe haver sido sombra. O rosto de um anjo quando dorme e esquece enquanto ouve ser eterno. Um anjo. E alegre do sonho que a minha música de madeira e ar embala, sonha não acordar. Depois, esquece o que houve antes e guarda-nos, em silêncio, em estojos de e couro e prata. Afinal, somos, tu e nós, feitas das mesmas matérias do mundo: madeira, vento, terra, água, pele e mel.

Angel Crespo – donde posa las manos.

Gadanha

Esses de mãos rudes, com as palmas marcadas como a geografia de um deserto e as juntas dos dedos feridas de calos, fizeram de ti um símbolo da morte. E és, entanto, uma tão aguda invenção da colheita da vida. Acaso não é luz a chama azul e laranja onde a mariposa toca o desejo da asa e morre? É no teu aço afiado em pedras duras que a seiva da planta vê o seu rosto. Gadanha. Um gesto e foi-se. Um breve passar e pronto. Depois, que as mãos de mulheres de negro ajuntem em linhas ao longo dos verdes esses feixes de afeto. Os corpos que te tomam nas mãos para os ofícios da poda trabalham e, entanto, bailam. De um lado para outro balança para um lado e o outro o dorso de quem ceifa com teus aços aos sons de Pã, e corta rente ao chão as flores da erva. E quem te teme, por causa de algumas más imagens, teme também o vinho, a vida e a profecia. Pois antes de teu passar por esses campos de alfafa veio o tempo da sementeira e do cuidado. Por isso a aurora, a chuva e o arco-íris. Por isso o mês de maio e o odor do feno. Pois aqui estiveram, entre cantos esquecidos hoje, os que atrelavam no dorso dos bois um arado anterior à missa e à ladainha e escreviam nos chãos da primavera esses poemas. Depois, os que te tomavam entre as duas mãos esperavam em vigília o passar da noite, de olhos presos na cera da vela dos calendários. E bem antes do ofício de colher eles sonhavam esses ritos sagrados de fúria e sacrifício. Agora, se em nada mais de tudo o que

há, nisto crês, chega rente o ouvido ao fio da terra e escuta. Não ouvirás aqui mais do que um suave canto-chão de monges, como se de muito longe. Lembra-te deles quando repartires nas cortes sob a casa de pedras o comer das vacas. Pensa neles quando na ordenha ouvires cair nos baldes o fio do leite branco de que se faz a vida e o queijo. Pensa neles, quando em casa, depois das preces, colocares sal e pão na sopa.

Madeiras

Quando eu era um menino comecei a aprender esses ofícios. Primeiro, ao fazer o meu criar, errava três vezes em cada quatro. E o meu mestre de artes vinha e me dizia assim: *este é um ofício que entra pelo corpo!* Ele me falava olhando a madeira e não eu. Eu era então uma criança e queria ser perfeito sem precisar aprender. Levei tempo para saber que o saber chega como a cereja amadurece. E o mestre vinha e me via suado de labor e ódio entre as minhas mãos imperfeitas. E me dizia: *Primeiro se aprende o que já se sabe. É quando se deseja que as matérias do mundo sejam como nós. É quando se anda pelo caminho da ciência. Depois chega o tempo em que se aprende o que não se sabe. É quando se começa a percorrer a senda da sabedoria e se descobre que a madeira é a mestra das mãos. É ela a sábia e quem trabalha o seu lenho, o aprendiz. Ouve. Escuta! E quando houver entre tuas mãos e ele um silêncio anterior à prece, ela te dirá por onde ir. Pois ela é quem diz ao artista o que criar quando se faz de um tronco de carvalho a figura de uma mulher ou um santo.* Hoje sonho ser cobre ou água, muitas vezes. E acordo no meio da noite e digo a deus: *se existes, transforma-te em madeira.* Quando os magos me falam de iluminação, lembro esses sonhos. Deus é uma forja onde tudo é sempre o mesmo e um outro. *É o ofício quem entra pelo corpo,* o meu mestre de artes me dizia. Muito depois eu vim a saber o que era isto. E entalhei no corpo

estes calos da polpa da palma das mãos e dos dedos. Quando ele morreu e chegou a minha vez de ser velho. Nunca viajei. Aprendi a ser dócil aos meus gestos de ermitão e agora sei: a madeira é quem me faz. E foi assim que aprendi a crer no deus dos monges que antes e depois de orar trabalham com a terra, a pedra, o barro e o tronco caído das árvores do campo. Os que apenas estudam e dizem preces apoiadas em mãos finas enquanto pronunciam palavras estranhas sobre uma taça de ouro lavrada para o vinho, não conhecem o passar de Deus. Falam do que crêem sem saber, sem sentir. Pois a face de Deus tem corpos e a cada dia são mãos como as minhas que talham com amor o perfil de seu rosto. E se algo é eterno, há de vir de mãos gastas com ternura gastas na madeira, como as minhas.

A la espera de Dios / Simone Weil, 82

Trasgos

Deixem que seja assim: uma noite de sexta-feira, num dia treze, no inverno, quando for a Lua Cheia. Pois a mim me haviam falado em sortilégios do mal e suas cavernas, em lugares até onde somente chegam os que servem à escuridão. Saí para conhecer o mal. Andei muito e entre os mistérios da vida nada há que eu não conheça. Mas a pura matéria do mal, ela em parte alguma nunca não existe. Suas frágeis forças são só as da ausência saber do bem. O olhar de frente de uma criança detém o poder dos sortilégios de Satã, porque a criança vive do sabor da vida e os anjos do mal morrem à míngua quando nos esquecemos de lembrar deles. Os que imaginam servir ao mal servem ao vazio.

Bordados

Vejam e toquem com os dedos. Percorram com a ponta deles a trilha da linha de uma cor: sinais da soma do saber com a arte. A mulher que bordou este pano cansou e foi dormir sem decifrar a alma do que fez. Mas o que ela não soube lembrar eu vim aqui dizer agora: *foi com estes fios bordados que outra vez vencemos a escuridão!*

Benigno

Sou dos antigos. Vejam o cinza de minha boina negra! De tanto voltar a cabeça para os céus e buscar nos pássaros os sinais da colheita, os meus olhos foram ficando assim: azuis e mortos. Hoje enxergo com a ponta dos dedos, e se não tropeço nas pedras da correioira entre a casa e o campo, é porque meus pés aprenderam a ler o chão. Quando eu lembro, enquanto com os outros bebo em pequenas taças brancas de louça o vinho da tarde, que envelheci e presto para pouca coisa, quero que eles entendam o que vim dizer. Não consigo mais atrelar duas vacas no carro e o meu carro de vacas é o último da aldeia. E pergunto a eles para o que servem os dias da vida de um homem velho como eu, quando o corpo começa a esquecer os ofícios que transformam a água das chuvas de janeiro em leite e vinho?

Linho

Já quase não há mais nessas paragens, dessas que tomavam de dentro das águas os fios de linho e faziam deles toalhas de cor alva onde uma hóstia era sagrada só de estar ali. Seus antigos cantos de *malla* ressoam no meio da noite entre as vozes do vento dos meses sem erre. Suas vozes vindas de alguns segredos dos ofícios das artes galegas algumas filhas esquecem e poucas não. Como sou a mais velha daqui, de vez em quando as moças me procuram. Querem ouvir velhas lendas. Querem conhecer mistérios conhecidos para serem silenciados. Pensam em druidas, em seres de antes. Sonham os ofícios pelos quais em tempos depois de Santiago alguns corpos foram queimados bem mais ao sul daqui. Falam cifrado, sussurram conjuros e sonham decifrar o que imaginam exista enterrado sob os cruzeiros no cruzamento de estradas. Então, vez ou outra, ao tempo em que eu tinha ainda uma sobra de força nos pés calçados com tamancos, eu as guiava a um velho moinho e, depois, a uma última esquecida oficina, não longe daqui. E mostrava aquelas ruínas e lhes dizia, tal como segredava antes de mim um homem sábio, de tão velho: *se vocês querem conhecer os segredos da vida, observem o que sobrou aqui. Olhem e toquem com os dedos esses últimos artefatos das artes do linho. Aprendam os seus nomes. Assim se fazia ao tempo em que havia magos e meigas, e este era o poder deles. Ensinar a quem vinha aprender como semear na lua acertada as sementes e esperar sem pressa o tempo do ardor dos frutos. Tomar da*

planta a alma dos fios e mergulhar nas águas a sua trama. Bater muitas vezes sobre pedras, cantando conjuros. Fiar os fios e submetê-los a essas tramas, como quem gera um filho. Fazer de fios um pano branco de tão alvo. Bordá-los em ponto-de-cruz. Esses eram os totens. Este o poder das mãos. E eram noites de fio e lendas contadas ao redor dos fogos, quando em dezembro. Foi assim. Ou vocês pensam que era esfregando lâmpadas ou invocando os trasgos que as mulheres daqui vigiavam a vida, domavam os medos e lidavam com as mortes?

Sol

Ao sol este poder ao seu tempo. Pois quando é o verão de junho ele chega cedo, e antes de reger a ordem do universo, como um rosto de luz é visto desde as nossas janelas sobre os montes e as nuvens, é ele quem seca a roupa dos varais. Que aos errantes – esses que estendem o dedo e o nariz e marcam a direção do destino deixando o Sul às costas e adiante do peito o Norte, e para onde nasce o sol o lado Leste e o Poente onde ele se deita a cada tarde – o sol sirva para estabelecer a vocação do destino. A nós, os que semeamos uva, trigo, centeio e milho, que nos ele venha para secar o feno, abençoar o vinho e alvejar as roupas. Assim, antes de completar a cada manhã a obra de um deus, que ele ponha termo nos varais ao trabalho das mulheres. Por isso é fecundo o sol e nós o olhamos com devoção, a cada dia das quatro estações. Assim costumamos fazer, embora fora algumas quadra de canções de roda entre crianças e velhas, ele não mereça mais do que duas festas ao ano, uma em julho e outra em dezembro: os seus solstícios. Por isso ele é bom e bendito, e quando falta nos céus de nuvens por sete dias, acordamos com labaredas os seus filhos: os fogos que fazemos nos porões das casas, para sermos também criadores da luz e do poder do estrondo.

Ele é a ordem das coisas do alto, enquanto não excede o seu anelo e não apressa a cor da palha nas folhas do milho, e nem seca o chão o fluir dos riachos e nem na torre das igrejas os ovos das cegonhas. Com as sombras que deixa enquanto viaja medimos as horas do trabalho, as da comida e as do silêncio. A cada sutil indicação de sua ausência no tronco dos carvalhos, aprendemos os tempos de todos os ofícios. E quando são por aqui os dias de sonhos, chamamos as mulheres da aldeia a que consultem o musgo das pedras e a direção da queda das folhas secas.

Muros

Saberiam os homens celtas que esses muros, aqui retos, acolá entre curvas como um regato ao largo do caminho à sombra das faias e dos carvalhos, haveria de ser um dia a casa das salamandras? Ao reunirem em maio e ao empilharem em agosto estas pedras plainas e com uma suspeita vocação de eternidade, qual dos mestres de ofício saberia imaginar o que acontece agora com o que fizeram dizendo aos espíritos das árvores: *que seja eterno!* Agora eles são um abandono de escombros e a sua maior serventia é serem jardins de musgos que tornam a sua aspereza um pequeno arco-íris de cores tristes. Servem ao ligeiro pouso de algumas folhas do outono e de moradia a alguns pequenos bichos esquivos que, tal como os homens, costumam dormir dentro de casas. Um dia – faz muito tempo – eles serviram para demarcar os limites das posses e demarcar entre vizinhos os frutos da guerra e do trabalho. Serviam a afastar dos pastos a fúria dos lobos e, mais tarde separaram o bem dos mal, servindo a imagens de fé e de medo. Algumas estrelas saberiam encontrar a sua exata posição no céu noite olhando do alto a ordeira posição dessas linhas desenhadas por mão humana.

Agora, cobertas de musgo e matos, esquecidas entre as silvas e os espinhos, muros de outros tempos que já não demarcam coisa alguma são como restos alinhados de pedras sem rumo. Mas ao não dividirem coisa alguma e ao servirem de lar a alguns bichos de mato e de chão a alguma raízes, talvez, velhos muros esquecidos dos donos, que talvez isto seja, afinal, a liberdade.

Pinheiro

Feri a ponta do dedo no arame da noite. Depois me tornei todo isto: farpas e alguns frutos duros que os esquilos roem no meio da noite, quando os homens dormem e não há perigo. Eles oram nos ocos de meu corpo e por isso entre nós, altaneiros nos montes e essas peregrinas presas das raposas existe um amor infinito. Vocês duvidam? Pois saiam da frente das lareiras e do vinho tinto nos escuros de janeiro e venham até aqui! Dos segredos da noite, quando tudo é frio e escuro e uma claridade silenciosa emerge da aura dos campos, as pessoas que dormem entre janelas cerradas não conhecem coisa alguma. E assim ignoram, entre seus sonhos de adolescentes, três quartos dos mistérios do mundo. O outro lado da vã ciência e da arte vive no saber dos seres que fincam na noite os dedos e a boca na terra e arrancam dali os sucos de que os homens vivem.

Vinhos

Faz lá fora o frio dos tristes. Mas aqui, nós nos encerramos entre paredes de pedra e juntos tomarmos juntos ao redor do fogo este vinho escuro. Um dia ele fermentou evangelhos nos porões de nossas casas, e agora é por ele que dizemos aos outros: *vem, senta aqui!* Ele, vinho das uvas de maio é por quem andamos sob as luas crescentes perguntando a Pã pelo açúcar da mãe-terra. Assim, navegantes, aqui nos congregamos com na nau de Ulisses rumo a Ítaca. Como em um templo grego dedicado ao ardor da vida. E bebemos entre brindes ruidosos em copos largos de barro e sonhos esta espessura das águas entre a lágrima e o sangue. Não porque seja bom. E é bom. Mas é porque sorver dele aqui, quando juntos como agora, nos salva do esquecimento. Sozinhos e infelizes bebem os que querem esquecer. Nós, congregados ao aperto dos corpos, celebramos ao beber e bebemos para recordar. E como levamos a sério algumas lições da morte, em nome dos que amamos sempre e que se foram, bebemos o vinho enquanto estamos vivos. Quando a noite chegar - e isso nos lembrará alguém de nós ao olhar o tempo perto da janela - será a hora da sementeira. Quando chegarem à aldeia os escuros ventos vindos do mar aberto e o amargor do sal, as suas mãos de vidro não nos haverão de gelar o rosto. Ergueremos à vida os copos. Haja vida! E apenas quem estiver aqui e ousar dizer conosco essa

palavra poderosa de magia: *agora*, estará a salvo. Fora as mulheres a quem bastam o chá, os chalés e as lareiras. Eis a palavra entre todas a mais terrível. E é preciso pronunciá-la cercado de outros, à volta da mesa, entre ritos muito antigos. Pois só de dizê-la como num conjuro, como numa prece, o tempo presente pode conjurar os tempos e permanecer sempre. Como o vinho perfeito guardado em boa garrafa e numa adega longe do furor do passar dos dias. Eis o grande perigo que imaginamos vencer aqui, entre vozes e vinhos: estabelecer como por um engano a eternidade antes do tempo. E, assim, perder para sempre o direito ao efêmero, em nome de quem enquanto bebemos entre nós o vinho tinto, sabemos que somos a um só tempo os filhos e o destino.

Chaviello

Os riachos dos montes movem águas. Eu movo moinhos. Por três séculos o meu passar de lágrimas límpidas, saídas frescas da raiz da terra, moveu a mó da vida. E que entre o gesto religioso do moinheiro e o cantar rouco da esposa em misturasse as minhas águas ao girar da roda e seguisse monte abaixo misturando águas e farinhas, isso era a minha alegria. Em busca do Tambre e de outros rios de perto, em terras baixas da Galícia os riachos das pequenas serras do sul ecoam o ruído de seu cascalhar entre pedras polidas. E as pedras choram no passar do rio o não poderem, como as folhas caídas no outono, viajar com o corpo da alma até o mar. Eu, o Chaviello, pequeno riacho, sei misturar o marulho de meus sons de águas breves ao canto das rodas dos moinhos de pedra que os homens ergueram aos dois lados de minha trilha. Atravesso aqui ligeiro e único e faço girar rodas e destinos. Há um pouco de meu cantar nos pães que as crianças comem nas aldeias. E o sabor do correr das sementes que eu carrego monte abaixo tempera o riso das moças de longas saias. Em manhãs de raro sol algumas vêm lavar em mim as mãos cobertas da poeira branca do pequeno milagre de que as avós depois assam nos fornos a matéria da vida. Os outros são regatos de peixes. Eu, de pão.

Amélia

Derramo no chão sobre um pano que a mãe de minha avó teceu estas favas de feijão branco e antes que anoiteça separo, curvada como agora, as pedras e os grãos. Coberta com o chapéu de palhas que eu mesma teci, vestida de muitos tons de negro, coleciono com a ponta dos dedos essas favas brancas que depois os meus comem entre a jornada da manhã e a da tarde. Algumas vezes digo enquanto faço isto alguma prece. Mas quase nunca, não. Sei que se há um deus ele está mais atento às falas dos gestos do que ao vazio das palavras.

Lareira

Algumas casas ainda guardam, como o altar e o sacrário, essas tessituras da sabedoria das pedras. E elas são o sinal de que algo do que os homens fazem pode sonhar ser eterno. Quando pois alguém de longe perguntar a vocês: *o que os leva a crer no eterno?* Respondam: *essas lareiras de pedra que restaram em algumas casas da aldeia.*

Ofícios

Foi o tempo. Falavam então do esquecimento e de sortilégios e magias. Falam ainda. Pensavam entre murmúrios nos exercícios com que os filhos dos faunos exerciam poder sobre o fogo e a lágrima. Foi antes, tempos antes. Teciam crenças sobre como dirigir com o espírito o percurso errante das nuvens e o das águas abaixo do corpo escuro da terra, entre os sete metais da alquimia. Vinham até minha casa, separada da aldeia em algumas noites e perguntavam com receio entre os olhos a respeito de tais assuntos. Depois se assentavam como crianças ao redor do avô e esperavam o silêncio. Antes de falar eu aquecia o fogo e tomávamos chás de folhas amargas. Bebiam devagar e esperavam em vão o verem sair de minhas mãos o véu do mistério. Como entre maio e sempre eu não tivesse nada a lhes responder, deixava apenas que viessem e repetissem a vinda, como a missa, como a messe, até estarem com os pés aquecidos na brasa do desejo. Então, quando foi ontem pela noite eu afinal lhes falei assim: *O que viestes querer conhecer? Quereis saber da magia? Quereis conhecer senão os segredos de sua dupla alma? Quereis entrever ao menos um sorrateiro instante da evidência de seu poder submisso a um gesto de duas mãos? Podereis suportar um entreabrir que seja do olhar fugaz de seu clarão?* E o mais velho deles disse em nome de

todos: *Sim! Mostra-nos isto, onde esteja! E eu respondi: Pois ide! Voltai pelo mesmo caminho ao local de onde viestes. Sai depressa daqui e retornai às aldeias de pedras e de lamas do inverno de onde saístes. E andai por ali. Devagar, como um alguém que havendo chegado sabe que não foi a lugar algum. Vagai ali. Pela primeira vez caminhai como viajantes, peregrinos, sem a pressa dos moços ou dos que imaginam que há sempre um milagre um pouco adiante. Olhai como se pela primeira vez cada coisa, entre a espera e o silêncio. Vede cada pequena minúcia do mundo como quem veio de longe e não chegou ainda. Olhai à volta como filhos da dúvida e do assombro. Caminhai a sós, sem ninguém ao lado, os passos do susto e da demora. Fazei assim até quando uma imensa sede vos leve fonte. Bebei então como quem se salva de um naufrágio. O que quereis conhecer vos rodeia, vive à vossa volta, e nunca vistes. Vede agora! Observai os ritmos do variar da vida, atentos ao florir de um lírio como quem espera a volta de um Messias. Esquecidos do tempo procurai os sinais do milagre no que restou deixados em marcas nas madeiras: alguns desenhos antigos, como letras, como riscos, gestos de rostos talhados na pedra. Um ou três arranhões imprevisíveis talhados com as unhas na carne do ferro. Ah! Lembrai como ele ressoa e chia quando se esfria enquanto avermelha as águas que o transformam em arado ou faca. Depois, ide sem pressa ver os que, como vós, levantam o sol da manhã com os sons dos seus ofícios. E o que tiverdes aprendido a ver, se souberdes perguntar, isto será a vossa resposta. Ide ver como os homens de boinas pretas cospem nas palmas das duas*

mãos, e armados de arados e de puas completam na terra a obra de um deus. E, como ele outrora, fazem isto em silêncio, pois lhes pesa o que criam. E é como se dissessem: 'o que Deus fez em sete dias eternos nos seguimos fazendo nos outros infinitos tempos de sempre. Podeis ouvir e ver. Podeis tocar na obra da terra e nos ofícios dos homens. Isso é tudo e mais não há! E, ao me ouvirem dizer isto, alguns se foram e não voltaram mais. E outros não, e me olhavam com frases de desencanto. A estes eu disse ainda: quanto à obra dos magos e dos feiticeiros, desses que conjuram poderes em línguas sem gramáticas, dissei-me: o que restou de suas obras em que uma mulher de aldeia possa reconhecer a alma de seu povo e a seiva de seus dias? Onde está aquilo de que se diz que eles fazem, aquilo de que se possa anunciar, como o homem da terra:: em abril haverá flores; em julho, o grão. Nada! Eles são o brilho de um relâmpago condenado e fundam a ordem de lugar nenhum. São mais efêmeros do que a floração da alfafa e menos prodigiosos do que esses panos brancos que as velhas tecem com fios de linho para cobrir os pães. Caminhai para longe dos magos entre passos de espanto e de quimera. O imprevisto sempre chega um dia, e mesmo o que não abre os olhos, vê. Quereis crer no poder do mistério? Acreditai num prato quente de grelos com batatas. E eles se foram. E alguns observaram pela primeira vez as janelas das casas onde moravam e o suave labor dos canteiros á volta delas. Passaram dedos calosos ao redor dos sulcos de algumas pedras alisadas ali com as mãos de muitos meses. Encostaram os rostos de barba rala na aspereza do tronco de alguns carvalhos, e depois tocaram, como

quem diz a prece, a perfeição dos encaixes da madeira de uma mesa. Dois ou três passaram meia manhã observando a difícil ciência das fechaduras. Outros roçaram várias vezes o rosto em peças de couro, essa tão frágil folha da vida. Pediram às mulheres que abrissem arcas e se envolveram de panos de veludo. Outros foram aprender a fazer com a cera das abelhas, as velas da noite. E, quando ela veio, congregados ao redor do fogão de lenha de pinheiros deram-se as mãos e oraram juntos diante do sacrário das panelas. No oco do barro beberam vinho com quem comunga. E quando na sala da casa viram a filha tecendo uma colcha de fios de cores, um deles lembrou-se de dizer: *venham ver o lugar onde Deus aprende a armar o arco-íris!*

Albanil

Ergamos o hórreo! Ele dizia aos de Salaño Grande, como quem convoca os vizinhos para a vindima depois da tempestade. Como quem descobre, depois, que sozinho não consegue abrir ao redor da mesa a garrafa de vinho. Três tempestades furiosas e mais o vento que as trouxe do meio do mar derrubaram o hórreo cheio das espigas secas do milho de novembro. E debaixo das chuvas ele ficou e ali estava, tombado no chão como um corpo morto e, no entanto, inteiro. Suas pedras e madeiras. E alguns meses depois de tudo as ervas do campo vieram mansamente a ele, para saberem se já era chegada a hora de começar a cobrir com a espessura do verde a sua carapaça de arte e doçura agora aos pedaços. Pois eis que tudo: a pequenina arquitetura das pedras talhadas e mais o ponteiro e a cruz e mais as madeiras de um velho carvalho dos montes, tudo o vento havia desordenado. E foi como à sua volta o mundo inteiro perdesse a sua ordem porque em algum lugar do norte da península um velho hórreo estava em desalinho, caído sobre o chão do pasto das ovelhas e do crescer do centeio. Como uma igreja destruída, como um raro jogo de armar de um menino, empurrado para o caos pelo gesto de dois dedos travessos, depois de empilhado com tanto empenho

e zelo. *Mas se um sopro enganador da chuva de novembro fez isto em cinco segundos, em seis horas de uma manhã de sábado começaremos a reerguer do chão de novo o hórreo, pedra por pedra, pau por pau.* Isto dizia aos de Salão Grande Juan, o albanil. E batia nas portas e aos vizinhos dizia: *você vem?* Alguns foram. Hoje na ponta da cruz de ferro reerguida alguns pássaros migrantes pousam antes de voarem em bando ao sul. Sabe-se que nos seus cantos eles relembram o que houve em Salão Grande.

Terras

Injustas essas pessoas que com palavrinhas de açúcar e com os gestos mimados entre sedas de ternuras falam sobre flores, a minha criação mais difícil e a mais efêmera. Alguns lavram os talos e dizem que limpam da terra os seus detritos. Esses delicados! Sou mãe da vida, eles sabem, contam aos outros, mas depois esquecem. E se lavam de minhas cores quando chegam nos tanques das casas. Também tenho odores, cheiros que não são para o nariz dos que aparecem aqui com polainas e arminhos. E os cantores da vida e essas aparências de arco-íris postas nas palhetas das flores do campo são para os ardis das abelhas e dos passarinhos. Que eles venham entre os seus vôos e o pólen preso em suas patas se misture e fertilize a alma do fruto. Os que buscam o odor das flores pouco sabem que o meu odor mais vivo e verdadeiro é o de mim mesma molhada das águas de outubro quatro dias antes da Lua Cheia.

Também eu tenho cores e o que faço é dispor como mãe e feiticeira as minhas flores e depois, do lado de dentro da casca de meus frutos tingir de laranja, vermelho e verde a carne vegetal da vida. Sou quase branca, sou irmã da neve na beira de riachos de areias e águas de cristal. Mas sou escura como a primeira noite do mundo no fundo dos bosques ermos onde aprendi a ser fértil como a água. Sou vermelha aqui e ali, irmã do sangue dos que chegam e colhem de minhas árvores a sombra, a flor e o fruto. E sei também ser, quando é preciso, de uma cor igual à morte, ou igual ao mel.

Tambre

Águas de memória! Depois de dobrar a nona curva a caminho da geografia de um rio maior do que eu a caminho do mar, os rios de outras terras costumam esquecer o chão de onde vieram. Eu, nunca. Viajei demasiado até aqui e das minhas origens de nada esqueço. Vejam. Agora mesmo estou para chegar com minhas águas à barragem que por um momento acalma o meu ardor errante e aprisiona a ilusão de que eu me tornei um lago. Não esqueço nada. Reconheço de minhas margens o rosto verde e Havana refletindo a figura debruçada de cada árvore, de cada ave, de cada alma de nuvem. Gosto de recordar, meses depois de um dia primeiro, o passar ligeiro de um bando de patos em viagem às águas mais quentes das paragens da África. As cegonhas que por momentos me atravessam aos voos na viagem de ida e, meses depois, no longo tempo do retorno, do alto me espiam. E saibam que eu nunca mais esqueço a filigrana de seus voos. Os rios do acaso viajam entre serras e terras de planura uma efêmera e fácil geografia. Eu movo as águas escritas de minha inapagada história.

Carvaleira

Então? Você reparou bem, amigo, ao chegar aqui, esta castanheira alta, a maior de todas ao redor? E essas macieiras de jardim, enredadas de pequenas flores brancas em agosto e que em outubro dependuram pencas de seus frutos vermelhos e amarelos até quase os galhos encostarem o rosto no chão? E as figueiras? Você viu encostados em algum velho muro de pedras entre as corredeiras estreitas das aldeias os seus pequeninos duros frutos ainda verdes? Ainda há pêros e pêras ao longo da trilha depois da lavadora de Oms de Abaixo, rumo ao bosque por onde navega aos saltos o riacho Chaviello. O que estejam hoje descuidados do labor dos homens não quer dizer que não cubram o chão de frutos à volta de suas copas. Você terá esbarrado em silvas ao longo dos caminhos se acaso chegou até aqui vindo dos montes. Fosse o tempo das amoras e você poderia vir, como a criança de conto de fadas, catando amoras, comendo e manchando de vermelho os lados da boca. Viu como alguns frutos pendem ainda dos galhos e aos poucos apodrecem, enquanto outros, tombados adiante, misturam-se às folhas do outono e ao tecido da terra escura? Pois assim é. Houve um tempo das ovelhas e os jovens daqui eram pastores como em lendas. E a alegria era a posse de um cão de tom cinza. Tempos de vacas mansas, cor da terra vermelha. Nossas terras eram os montes e eles eram cheios da vida

quando os pássaros cantavam para os meninos responderem com assobios. Alguns, como eu ainda, teimam em viver. E aprenda que envelhece neles, como em mim, uma canção que nem mais as pedras das estradas sabem decifrar. É quando diante desta carvalheira eu anoiteço contando casas vazias como estrelas do céu, com medo de que um dia não saiba mais como relembrar.

Chapéus de palha

São tão diversas e são sempre as mesmas as tribos da Terra. E é nos chapéus que algumas mulheres colocam na cabeça - haja ou não sol naquele dia - o lugar onde está, como nas bandeiras dos dias de paz, o que melhor diz de quem somos. No mercado em Tanger as mulheres de um distante povo berbere, desses que atravessam desertos e areias para virem vender tâmaras e ler nas mãos a sorte, sobre as cabeças, cujos rostos ao contrário das crentes em Alá, dispensam véus e outros disfarces, se escondem do sol com amplos chapéus de palha de grossos fios entretecidos de lãs escuras de camelo, e também com barbantes de linha tingida e grossa, amarrados na direção dos quatro pontos cardeais entre a aba e a copa. Os seus maridos discrepam dos árabes também seguidores do Profeta, porque se cobrem com trajes curtos em que um guerreiro da Escócia se sentiria a vontade, mas sem pregas e tingidos de um vivo vermelho quase carmesim. Vendem água fresca nas ruas e nos mercados e dependuram na roupa as taças de que se servem os passantes. Os chapéus de palha das mulheres chamam de longe a atenção, nesta terra onde é de panos que elas se cobrem do ardor do céu e dos olhos de fogo dos homens. Em Tanger os

chapéus quase parecem uma pequena festa tropical, e lembram a quem tenha estado em desertos do norte do México, os chapéus de palha de alguns povos de índios Zapotecas. Recordam, ainda, embora sem tantas cores, os chapéus que as mulheres da Galícia colocam sobre lenços na cabeça. De palha também e sempre com uma única fita preta. Lá, onde ao contrário de Tanger e do Norte do México, só há desertos nos livros das escolas e o sol apenas uma vez ou outra vence o chapéu cor de cinzas com que as nuvens cobrem o rosto e o corpo verde e feminino da Galícia.

Oliveiras

Os de hoje não sabem fazer mais, dizia entre tragos de um cigarro, como quem não duvida do que fala, um velho que se anuncia: gente daquele tempo. Um homem no trem e ter Tua e Mirandela, quando os trilhos percorriam terras ao longo da beira de um riacho. Então com os dedos já encurvados como a lâmina de uma foice, ele apontava ao vizinho de banco e a todos os outros poucos viajantes do vagão os morros de um lado e do outro da estrada de trilhos de bitola estreita e do riozinho de águas claras, saltitando como em festa em busca do rio Douro. Saindo a prumo da beira das pedras do córrego os morros também de pedra e pouca terra escura escalam altos íngremes e fogem do trem até distâncias de seus longes ermos. Alguns estão plantados de oliveiras como se Cristo por ali pregasse, falando em peixes e pães sem fermento. Ora, para reunir e manter junta a terra suficiente a cada pé de olivas e evitar que com as chuvas de julho os torrões escorram monte abaixo, os homens do passado edificaram difíceis terraças de lascas de pedra áspera, empilhadas como se cada uma fosse um pequeno forte à espera do inimigo. Em alguns morros as oliveiras são muitas, mas nunca conformam bosques, de tal sorte que mesmo entre tantas, cada árvore se sente solitária cada uma em sua porção de terra, cada uma em sua única terraça igual a todas. O velho no trem aponta os montes e pergunta a si mesmo e a todos se os homens de agora, moços esguios e mestres de máquinas, seriam capazes de uma tal proeza. E ele mesmo responde que não, e olha trigueiro os olhos

dos mais moços. A velha de brincos de ouro entre rugas e cabelos de prata concorda e sentencia: *agora estão aí as máquinas e elas deitam a perder tudo*. E depois fecha os olhos, e sonha com uma cozinha quente, o fogão aceso e sobre a mesa, pão, sardinhas, vinho e azeite.

Marinheiros

Somos povos do mar. Marinheiros. Eis o que temos a dizer a Deus, quando um de nós sabe que morte ronda a casa, a vela do barco, a água na moringa, os sapatos sob a cama. Ele em nosso nome diz isto: nunca é sem um vago errar dos velhos e dos orantes de outros tempos que deixamos os ventos do Mar da Galícia mover o corpo de nossas naus. Somos povos do mar, viajantes de entre terras. Somos como a pergunta e o imprevisto, e antes de viajar não consultamos nunca oráculo algum. Queremos é não saber onde vamos chegar. Fomos até ontem a coragem de olhar no escuro o não dizer prece alguma a um deus cujo rosto nunca pintamos em madeiras da proa dos barcos em que vamos adiante. Sabemos que se um deus há não há porque incomodá-lo com assuntos que são nossos e do mar à volta. Se alçamos velas, se bradamos como quem chama pelo vento, se levantamos os ferros da âncora e mal acenamos aos lenços de adeus que as mulheres sacodem no porto, é porque sabemos que velejar é uma escolha e toda a viagem é uma imprevista volta.

Não dizemos pergunta alguma a alguém. E por isso, mais do que os magos somos a adivinhação da profecia. Voltados ao sul e vestidos de branco, antes de anunciar palavra alguma, partimos. Assim pensamos que fazem os que sabem. De tanto ir e vir ao encontro de povos estranhos, aprendemos a ler no mapa deserto dos mares alguns sinais

indizíveis em nossa língua, e em mais três ou quatro poemas que sabemos cantar quando é noite, mas sem saber traduzir o que dizem os seus versos. Quem viaja, profetiza, eis tudo. E deus é aquele que veleja depois de nós. Entre os povos daqui e de mais longe cegamos os olhos de tanto ver o sol e banhar de sal o nosso rosto escuro. Não nos tomeis por sábios ou duendes, pois não conjuramos durante a madrugada os poderes da norma ou da desonra. Isso é o que fazem os que erguem em terra templos de pedra e tremem de temor. Com o olhar e os dedos é que seguimos o rumo das estrelas. Vieram mercadores do oriente a nos vender desconhecidos artefatos com que os astros dizem em cifras e números o rumo dos navios. Não compramos. A estrela de Antares nos aquieta e é pela convergência de três outras astros do céu cujos nomes nunca se pode escrever que sabemos onde estamos. Mas estrela alguma nunca nos disse em dia algum o para onde vamos. E com a sina dos doidos e dos errantes, pronunciamos a respeito da morte a palavra: *agora*. E sob a tempestade dizemos a quem seja deus ou nada: *seja*. Dizemos esta palavra acompanhada de rito algum, ou de palavra alguma de quem teme.

Rosalia

Falo das origens. Sonhei um sonho que me sonhava. Eu ainda nem era e me foi dado vir vindo até aqui. O escuro custava a ir embora e era o inverno de outro ano. De outro tempo. E eu via o que entre essas casa daqui havia e era inverno. E sem saber como, eu procurava fazer o trabalho das mulheres. Que elas tivessem e eu não ainda as roupas de mulher, tingidas da cor de um negro que dá ao corpo do volume da noite, pareceu-me o meu pesar. Mas o tempo de prantear não era ainda. Que estivessem elas com esses lenços também do mesmo negro e os chapéus de palha, pareceu de repente o meu pecado. Foi com os olhos no chão que andei pela casa entre elas. E porque será que quando a chuva veio, ela molhou os seus linhos, suas lãs, e as minhas não? Ouvi que algumas falavam às outras de seus homens mortos. Falavam de outros, distantes, errantes em outras terras, do outro lado do mar. Terras de sonoros nomes além de nossa geografia. Quem não tem a quem chorar é órfão. Eu tinha. Foi eu dizer isso e pela primeira vez elas me olharam e algumas sorriram. Uma delas disse: *aguarda, espera...* E elas faziam os seus labores e era só por eles que a tarde tardava em ir embora. Eu apertava o ubre das vacas e saiam palavras. Dava nos campos, como elas, com a gadanha nos feixes de trigo, e reunia molhos de frases. Na outra casa em que me abriram a porta eu entrei e acendi o fogo da lareira. Acendi o verbo,

um verso, não sei... um canto. Quando foi um sino em Bastavales – e eram sete horas – cobri com as mãos o rosto. Quando abri havia este poema. Assim foram as origens. Quando no sonho de quem fui voltei aos ares de onde vim, ousei dizer a quem distribui as almas entre os destinos: *há um lugar onde corre um pequeno rio sobre claras pedras. Uma árvore de corpo retorcido. Um mugir de vacas, uma fonte de pedras e algumas mulheres, como em Cafarnaum. Ali eu quero estar.* E ele disse uma palavra: *vai!* A morte veio cedo, mas não tanto. Eu a esperava como quem no porto aguarda um pai que partiu há tempos, nunca escreveu e agora volta. Deitada na cama pedi que abrissem a janela. Que desde Padrón eu visse o mar. Não vi. Mas foi quando de novo o sino de Bastavales tocou as sete horas. Fechei os olhos e então o escuro era toda a luz.

*Foz/Santa Maria de Oms/Santiago de Compostela/Paris
1992/1997/2006
Eldorado/Campinas/Caldas
1997/2006/2007*

Adendo para lembrar

Estes escritos de poemas de um conjunto com um outro nome: cantos de Ons, foram passados à mão de um caderno de capa dura, azul e negra, para um outro, com este novo nome: a terra do fim do mundo, durante os dias 22, 23 e 24 de dezembro de 2003. Foram completados na noite de natal, sob chuva, no rio de janeiro, onde nasci em abril de 1940. No caderno original estava escrito: nomes: as lendas de oms, as fábulas de s. e estava escrito também isto: eldorado, 24 de maio de 1997. Mas o então primeiro poema, o deus sonhado (sobre Angel Crespo) está datado assim: Foz, janeiro de 1997. (era em Foz, no litoral da Galícia, havia uma grande tempestade boreal e eu havia ido passar sozinho o natal e o ano novo de 1996 para 1997. Como eu me lembro de haver retornado a Santiago e a Santa Maria de Oms no dia 3 de janeiro, terão sido os primeiros dias de sua escrita. Assim sendo, quero crer agora que os escritos deste livro foram iniciados em Foz, diante do oceano, na Galícia e revistos em Eldorado, no vale do rio Ribeira, em São Paulo, alguns meses mais tarde. terá sido quando comecei a reunir alguns escritos trazidos da galícia com outros, escritos antes ou depois. alguns vinham de apanhados e fragmentos de poemas e lendas a que dei nomes provisórios como lendas, ou os cantos de Ons, datilografados em algum lugar. Ora, depois de tanto tempo o conjunto fragmentado de poemas inacabados foi trazido para uma nova estada na Europa, entre 20 de setembro e 17 de dezembro de 2006, e começaram a ser concluídos em Paris, em casa de minha filha, Luciana. Depois de tudo e de tanto, o livro foi afinal concluído entre minha casa no bairro do Cambuí, em Campinas, e a Rosa dos Ventos, no Vale da Pedra Branca, na cidade de Caldas, no Sul de Minas Gerais.

Escritos da Sequência Galega

Aldeas – escritos e imaxes da Galícia Tradicional – Santa Maria de Ons – Brión

2003, Editorial Toxosoltos, Noia

O Caminho da Estrela

2009, Editora da Universidade Católica de Goiás, Goiânia

A Senda da Estrela

2009, Editorial Toxosoltos, Noia

Crônicas de Ons

1992/2016-17

Com o sol do outono sobre os ombros

1992/2016-17

O Corpo coberto de cores - imagens, sons e memórias de festas

de cidades e de aldeias da Galícia

1992/2017

O Caminho do Fim do Mundo

1992/2017

Uma estrela, um caminho, um peregrino

1992/2017

Europa Espanha Galícia - trilhas derivas travessias

1996/2017

Aldeias da Amahia – rostos gestos

1992/2017

Festa Galega – gestos xovens

1992/2017

Diário de Galícia

1992/2017

O Sexto Sol

1992

a dupla data de quase todos os livros refere-se ao ano em que de algum modo começaram a ser redigidos a mão durante o primeiro ano em que vivi na Galícia, e os anos ou o ano da redação final.

